



TERRA GAÚCHA





ROQUE GALLAGE

TERRA GAÚCHA

(SCENAS DA VIDA RIO-GRANDENSE)

2ª EDIÇÃO



1921

EDITORES

LIVRARIA UNIVERSAL de Echenique & C.
Pelotas, Rio Grande do Sul

6849

6849



BIBLIOTECA DA F. F. C. L. - ASSIS

Date									
Time									

7
C1564
v. L B
3494

No perpetuo desequilibrio, entre
o que imaginamos e o que existe, veri-
ficamos, attonitos, que a idealisação mais
afogueada apagam-nol-a os novos qua-
dros da existencia.

Euclides da Cunha — Discurso





LIVROS

Roque Callage : *Terra Gaúcha* (Scenas da Vida Rio-grandense) — 1914.

O autor de *Terra Gaúcha* é um dos mais admiráveis artistas da geração nova do Brasil.

O seu estylo fôrte, lesto, nervoso, revela bem o filho da campanha evocadora, batida do sol e do minuano. Veiu da infancia, a vêr, a sentir a terra, a escutar a memoria da raça, a altivez de um passado ainda vibrando na voz dos antigos...

É a sua fôrma o irmana, em phraze e requinte, a Fialho, a Gonzaga Duque, a Alcides Maya.

Terra Gaúcha tem aspectos de uma descripção perfeita, pequenas *manchas* lindas.

Copio aqui a pagina do *Carreteiro*, que dá uma idéa do excellent livro de Roque Callage :

CARRETEIRO

Nasceste na vibrante alvorada de uma manhã de estio, e nunca mais adormceste no repouso placido do rancho, onde deixaste mulher e filho, entregue á luta pernuante do trabalho.

Como o tropeiro, tu és também, o typo representativo de uma tradição secular.

Vive em ti, velho rebelde da civilisação, o sonho heroico da raça, a legenda da luta, do amor, da bravura.

Antes das diligencias, muito antes das vias-ferreas, eras tu sómente o indomavel palmilhador das coxilhas, o tenás triumphador dos terrenos hostis.

Com essa tua rude viatura de trabalho, enfrentaste o perigo imminente das refrégas, a cavallaria desenfreada dos cntroveiros, na violencia dos choques rovolucionarios dos patriotas aguorridos.

A carreta e os bois foram sempre os teus melhores amigos, os teus unicos o leaes companheiros de jornada.

Despresaste, no maior dos desdons, o conforto caricioso da casa. Tempo máo ou tempo bom, inverno ou verão, de dia ou de noite, tu partias, tu caminhavas, acompanhando sempre o andar vagaroso da carreta.

Todos to procuravam, todos te queriam, todos te veneravam. Não havia outra condução, outro transporte, outro meio mais comodo.

A' sombra de algum umbú ramalhudo, nas encostas das restingas com agua, junto ás pastagens verdes, tu, bondoso carreteiro, descangavas os bois e accendias o fogo bemfazejo para a panela de feijão com graxa e para a agua do chimarrão.

Passado o descanso, seguias viagem depois, novamento através do grandio pampa silencioso, soffrendo as amarguras das intempéries, os perturbadores accidentes dos terrenos onde os «tatís» imprevistos reclamavam todo o vigor das tuas serenas energias.

E seguias jornada, de aguilhada á mão, curveteando caminhos, idealizando a victoria do outro dia de viagem, esmagando com o peso das cargas, com o gemido das rodas, a verde florescencia da tampanha.

Appareciam os primeiros espasmos do dia. Lá adiante, o pouso. Do novo desajonjavas os bois, repontando-os para os poteiros o invernadas, envoltos na luz esmaecida do luar ou embrulhados na negridão da noite sem brilho.

Então to estiravas cansado na maciez dos pelegos, sob a protecção da carreta inerte, até que as primeiras barras do dia te sacudiam, outra vez, para a marcha procossional do outro rumo, em demanda á casa, numa viagem quasi sem fim — afan trabalhoso mas alegre, contra a rude conquista do terreno...

No maior de todos os sacrificios, a caminhar sempre como erranto batedor do deserto, passasto quasi toda a tua existencia, diminuindo as distancias; no passo tardo dos condemnados.

Enchotado pela pezada locomotiva moderna, desappareces hoje, antigo caminhante do pampa, e, contigo, desappareceo tambem o rapsodo sentimental das horas de sesta, o alegre trovador das pousadas.

E's o ultimo perseguido de uma civilização que so rasga no teu berço — esmeralda das coxilhas...

«Fon-Fon» — Rio — 915

RESENHA DE LIVROS

Roque Callage — *Terra Gaúcha*, scenas da vida riograndense.

Os moços letrados do Rio Grande do Sul estão fazendo obra muito meritoria, registrando os costumes, a lingua, as gaúchadas, os empregos e as aventuras das gentes dos pampas. A civilização, o progresso industrial, a immigração estrangeira vão tudo reduzindo e tudo nivelando, apagando tradições, desfazendo habitos herdados e transmitidos, dando um tom uniforme a tudo, espancando superstições, illuminando intelligencias, tirando todos os caracteristicos de populações que já so vão confundindo no vestir, no fallar, no modo de alimentar-se, do andar e de pensar, á moda dos domina-

dores. O cinematographo já creou, no Rio, o typo da *grisette*, do mãos ás cadeiras, de passo incerto e curto, petulante e *sans dessous*; o tambem deu o modelo do elegante, do *moço bonito*, de paletot curto, chapéo enfiado até as orelhas, botas gaspeadas, andar bamboleante.

O tango, *one-step*, a furlana, abençoada e aconselhada pela egreja, vão fazendo desaparecer as danças nacionaes; o *Schottisch-lusqueado* substituo o *fandango*... *acceso que nem fogo nas maetgas*...

O livro de Roque Callage é um livro de saudade dos velhos e tradicionaes costumes dos pagos, das quorencias, dos pampas rio-grandenses do Sul, costumes, habitos, e tradições que vão desaparecendo com o protesto dos antigos guascas. Nesso sentido estão concebidos quasi todos os capitulos, principalmente os contos: *Pessimismo de guísea, Civilisação, Saudade*, etc.

Paizagista que sabe copiar bem as tonalidades dos crepusculos, as variantes da luz nos diluculos, o escriptor rio-grandense combina bem os scenarios e dispõe muito bem a luz nas suas télas, de modo que as figuras, as personagens, as almas, os sentimentos ficam de accôrdo com o meio que sobre elles actúa.

São característicos os contos «A victima» e «Na Estancia», onde estão registradas scenas de costumes da campanha rio-grandense, em que de futuro os escriptores encontrarão elementos preciosos para romances de reconstrucção de épocas passadas. Roque Callage é um escriptor feito, cujos trabalhos se recommendam pela originalidade dos assumptos, inteiramente fóra da influencia de autores e livros estrangeiros.

Seus livros, como os de Alcides Maya, para terem o apreço que merecem, em todo o paiz e fóra d'elle, devem vir acompanhados de um vocabulario de termos fronteiriços, alguns hespanhoes, outros populares e outros do velho portuguez, já obsoletos e somente em uso no Rio Grande e em um' ou outro Estado do Norte onde pousoou alguma colonia além-tejana.

O volume actual è o começo de pagamento da divida contrahida com o publico pelo joven escriptor, cujo primeiro livro já tão intensamente interessou a critica e os literatos.

FABIO LUZ

(Da «Epoca» do Rio, 19-5-915)

AO AR LIVRE

TERRA GAUCHA — Esse é o titulo de um livro de contos, do quo é autor o joven Roque Callage, do Rio Grande do Sul.

Roque Callage, apesar do sêr muito joven, não é um estreante.

O seu primeiro livro, intitulado *Escombros*, era mais do que uma promessa.

Este, denominado *Terra Gaúcha*, é mais do que um começo do realisacão.

Roque Callage recebeu a dupla influencia de Euclides da Cunha e Alcides Maya, dois escriptores totalmente diversos e inteiramente semelhantes.

A influencia que recebeu dos dois poetas da prosa, um que cantou as miserias do sertão, outro que celebrou as agências de raça dos pampas, não destruiu a individualidade de Roque Callage e foi-lhe benefica.

A sua visão de observador é segura e precisa. O seu estylo ó bem articulade, large e senório. O seu livro, sendo um livro regional, não tem excessos barbarescos.

Essas paginas denotam um temperamento do artista, uma alma forte e um grande amor aos themas que o prosador desenvolve.

Com esses dois livros, *Escombros* e *Terra Gaúcha*, Roque Callage conquistou um posto de honra entre os homens de letras das novas gerações.

LEAL DE SOUZA

Botafogo, 1915. (Da «Gazeta» do Rio, 24-8-915).

TERRA GAUCHA

CARTA DE ROCHA POMBO — O grande historiader nacional dr. Rocha Pombo, assim se externou, em carta, sobre o livro *Terra Gaúcha* :

«Illustre confrade sr. Roque Callage :

Com muita satisfação recebi o seu esplendido livro *Terra Gaúcha* ; e só lhe demorei um pence a leitura completa por uma circumstancia que não esteve em mim evitar. Umás referencias de muita justiça, feitas pelo meu amigo Xavier Pinheiro no «Correio da Noite» (de que lhe remette elle um exemplar) explicam tudo : o Xavier viu-me o livro em mãos, e fez questão de dar uma noticia antes que eutros jornaes o fizessem. Ali tem, pois, a excusa desta tardança em agradecer-lhe e brinde que me fez, e que vai ser des de maior preço entre os que já figuram no meu escriptorio. O mesmo enthusiasme de Xavier Pinheiro sinto eu pelo seu belle espirito, revelado nas varias composições que formam o volume, cada qual com o vigor e o brilho característicos desse forte e ardente sangue lá do sul.

Deixe-me diser-lhe, com toda esta quasi estenuada sinceridade de quem sabe amar os que se mostram com direito ao posso amar : o seu nome, só por este livro (isto é um milagre, muito commum entre os legítimos talentos) posso assegurar-lhe que se incorpora á geração ceme um nevo expoente da mentalidade actual ahi na gloriosa terra gaúcha.

Não me despedirei sem lamentar que não tenha juntado (como outros fazem sempre que se trata de trabalhos de caracterização local) um vocabulario dos terminos da terra ; pois, sem isso, te-



mos ás vozes de passar pelo desgosto de não entender bem uma o outra coisa de alguns trechos.

Quoira acceitar o meu abraço de confrade que se desvanece de um oncontro provisto e por isso mesmo tão grato.

ROCILIA POMBO

Rio, 25 de Abril 915.

TERRA GAÚCHA — de Roque Callage — E' uma série de quadros, representativos de scenas da vida rio-grandense e reunidos em um elegante e formoso volume de 137 paginas, em primorosa edição de um dos melhores estabelecimentos typographicos do sul do Brasil. Falta, é certo, a esses quadros, a nota psychologica o genuinamente literaria de outros trabalhos congeneres, denuncia-dora da aluna artistica dos escriptores de largo pulso, dentre os quaes se destaca hoje com inteira justiça a personalidade de Alei-des Maya, o mais eminente, a nosso ver, de todos os interpretes da alma e da natureza das bellas plagas rio-grandenses; mas sobram ao pincel do sr. Roque Callage o brilho o a intensidade de tintas, que fazem desse escriptor um paysagista de raro merecimento. O vigor descriptivo de algumas paginas da *Terra Gaúcha* é, por vezes, encantador o admiravel, attingindo a um poder suggestivo e rovelador que só se encontram na tólas dos grandes mestres.

São quasi sempre pineeladas largas e syntheticas as que nos patenteiam as melhores scenas e os formosos quadros da vida rio-grandense; mas, essas, traçadas sempre com firmeza e com brilho, abrem, sobre os trechos esboçados, uma claridade tão forte e penetrante, que logo toda a paysagem resalta aos olhos do leitor, extasiado, como no effeito magico de um vasto panorama.

Aqui está, para exemplo, sobre a secca, um pequenino quadro, desses a quo om pintura se dá vulgarmente o nome do *moscas*:

«Os gados abatem-se de magreza, derreados pela sede, cahidos em meio do campo, á beira dos banhados; as arvores, raras no campo immenso, tomam semelhanças esguias de visões paralyzadas, de braços descarnados e erguidos numa préce dolorida — o *in extremis* da vida. E as folhas vôam, rolam depois, aos montes, aos novellos, em redemoinhos, sob a luz crúa do sol, que, na sua vertigem olympica, dão de jo no alto do céu exsiccado. O tropeiro que passa atravez de quebradas e atalhos deixa-se por um momento ficar absorto, penalizado, de cabeça baixa, na solidão vazia das estradas, vendo as folhas que fogem a rolar, a rolar, eaminho a fóra, inconscientemente, para o nada...

E' isso o tom geral do volume, que se lê sem difficuldade o com agrado, desde a primoiira pagina do *Pessimismo de Guasca* até à ultima do *Resto de Outra Raça*.

Ao seu talentoso antor os meus agradecimentos pela gentileza com que me distinguui.

OSORIO DUQUE ESTRADA

(Do «Imparcial» do Rio, 17-5-915)

ROQUE CALLAGE — *Terra Gaúcha* —
Scenas da vida riograndense — Brasil
— Rio Grande do Sul.

Ainda uma vez devo ao nosso querido mentor Rocha Pombo a grande ventura de conhecer mais um escriptor novo. Hontem foi um poeta paranaense, o sr. Clemente Rith, hoje é o sr. Roquo Callage, prosador riograndense.

O livro do sr. Roquo Callage contem paginas da vida riograndense, scenas do um meio que não tem sido divulgadas, talvez pela difficuldade do vocabulario proprio que usa o povo.

Conhecemos através da prosa brilhante do Alcides Maya alguma coisa da vida gaúcha, e em *Tapera*, os esplendidos scenarios da vida do sul e do empolgante romance *Ruínas vivas*, ficámos mais ou menos senhor dos habitos e costumes dessa brava e querida gente, que não engana ninguem o que sabe ser sincera nas suas expansões de amor e de odio.

Terra Gaúcha, do Roquo Callage, são encantadoras paginas do berço de Pinheiro Machado — o maior dos nossos patricios pelo civismo e pela independencia que manifesta em todos os seus actos.

Em *Terra Gaúcha* sente-se o sopro quente de uma alma do poeta que ama a liberdade, que vive como um pantheista adorando a Natureza o deixa, livro de sonhos o do pesadellos, o coração dizer o que sente e o que guarda nos ultimos recessos.

Lemos o livro o o estylo forte do prosador empolgou-nos com a descripção daquellas scenas vivas, copiadas *après nature*, por um artista senhor do *meio*, conhecedor da gente que anima os seus quadros, as suas impressões.

As quinze composições que formam *Terra Gaúcha* são uma contribuição magnifica para a literatura riograndense e o sr. Roquo Callage deve nos dar da sua amada terra outras impressões, outros trabalhos, porque tem talento, é um observador criterioso, maneja a lingua com elegancia e mostra conhecer, como bom gaúcho, o vocabulario curioso usado pelo povo e que tanto o caracteriza.

Alma de cego, *Carneador*, *Memoria...* dedicada a Alcides Maya, *Saudade*, *Resto de outra raça*, são paginas que fazem um escriptor e o recommendam á nossa estima.

Terra Gaúcha ficará ao lado dos dois bons livros de Alcides Maya e é de se esperar que o sr. Roquo Callage continuo a trabalhar para as letras e para o bom nome do sua terra natal, dando-nos outros livros iguaes ou melhores a esse com que nos deliciou.

Agradecemos a Rocha Pombo ter-nos dado o infinito prazer de travar conhecimento com tão bello espirito riograndense.

XAVIER PINHEIRO

(Do «Correio da Noite» do Rio — 915)



TERRA GAÚCHA — par Roque Callage — Scenes de la vie do Rio Grande do Sul. Imprimé dans les ateliers typographiques de «L'Institut Electro-technique de l'Ecole des Ingénieurs à Porto-Alegre.

Dans ce livre qu'il vient de publier et a eu la gentillesse de nous envoyer, Mr. Roque Callage a dépeint avec un talent d'écrivain de race, les coutumes des habitants de Rio Grande que l'on désigne en général au Brésil sous le nom de Gaúchos, hommes de la campagne, que naissent presque sur le dos d'un cheval, pres de leur habitation.

Son premier conte «Le Pessimisme du Gaúcho» nous le montre maudissant la civilisation qui a introduit le chemin de fer dans son Etat natal et qui s'éteint désespéré de le voir ainsi envahi. Le style de ces contes est rempli d'expressions originales, du terroir. L'auteur célèbre les héros do Rio Grande dans «Lo Héros» où il écrit un épisode du combat de «Ponche Verde» où la cavalerie de Canabarro mit en déroute les forces légales. «Contrabandista» est une de ces scènes communes sur les frontières de Rio Grande où pulullaient jusque dernièrement les aventuriers des nations voisines et du pays; son récit est passionnant. Les autres contes «Carniça», «Civilização» et «A Victima» sont pris sur le vif et placent l'auteur parmi les bons littérateurs brésiliens.

(«Le Messager de S. Paulo» — S. Paulo, 10-5-915)

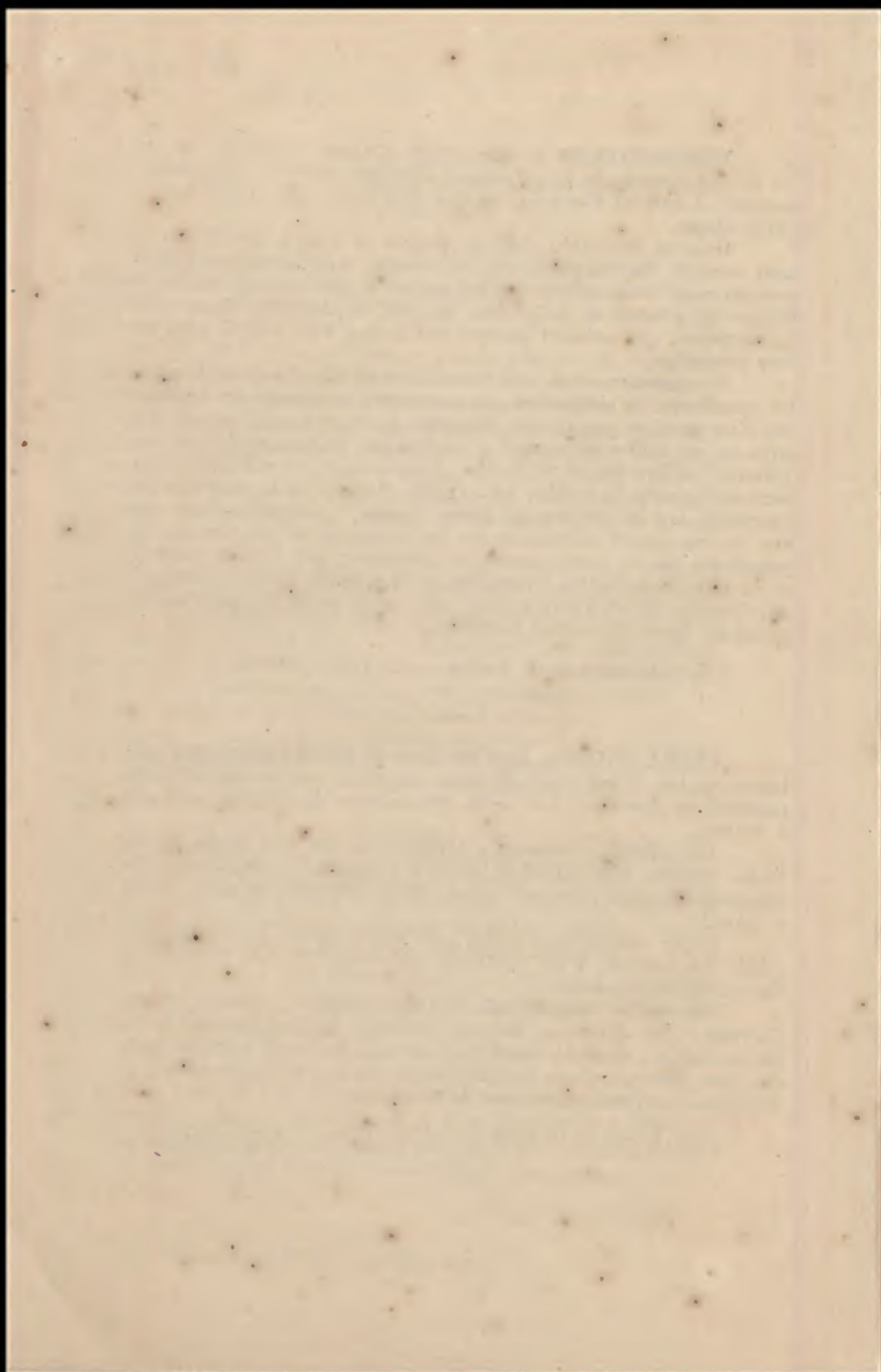
TERRA GAÚCHA, o ultimo livro de Roque Callage, que acabamos de ler, é um precioso signal do vasto movimento litterario nacionalista observavel nos meios intellectuaes do interior, do Norte e do Sul.

Aos aspectos, costumes e typos do sertão, que tantas e tão lindas novellas vêm fixando, juntas a campanha riograndense, em numerosas paginas recentes, as snas télas originaes de risco, figura o colorido.

Roque Callage, que prima pelo estylo sobrio e pela naturalidade dos quadros, é um profundo conhecedor da vida tumultuaria da coxilha e do pampa.

Pessimismo Guasca, Heróe, Contrabandista, Carniça, Secca, Carnecador, Na Estancia, Memoria... eis ahí citadas algumas formosas miniaturas, ricas do verdade e belleza, do joven escriptor gaúcho, que já revelára nos capitulos fortes do seu primeiro volume — *Escombros* — raros predicados de novellista.

(Do «Jornal do Commercio» — Rio, (edição da tarde) 14-2-917.



Enxotado

I

NUM cavo e mal pronunciado «té á vista», Quincas Pedrozo afastou-se do colono, conhecido de pouco dos pagos, no primeiro encruzamento da estrada. D'ali por diante eram atalhos. O estrangeiro cortou á esquerda, em demanda de suas terras, na colonia nova, estendida no fundo sinuoso do campo, e o tropeiro seguiu ao tranco, para as querencias da Estancia Velha erguida no topo da coxilha como uma grande mancha dominando a verdura luminosa.

A tarde findava-se num occaso polychromo, selvagem, esbatido numa violencia de tintas berantes, dando á paysagem um aspecto estranho de colorido mal combinado. Cahia sobre as cousas o silencio nocturno do ermo. Desoláva... Quincas Pedrozo fustigou o animal com o seu velho e trançado «rabo de tatú». Os seus olhos pestanudos e semi-mortos volviam ainda para traz, observando, numa confusão de linhas, a figura rugosa do colono que ia presto, na alegria triumphal de uma felicidade perfeita. Surgia flagrante, entre elle e o novo intruzo dos pagos, novo proprietario e novo senhor, a differenciação latente da vida. No abandono da tarde, a conjectura surgia. Passáva-lhe pelo espírito, na crise das medi-

tações, em tumulto de sombras, um desfilar de figuras errantes, onde elle via a alma avoenga dos seus immergir, para sempre, no ultimo farrapo da campanha fronteiriça. Desde muito perscrutára a transformação da terra nativa. Um espectro allucinante bailava á frente da retina: era a grandeza daquella colonia, absorvendo, aos poucos, a grandeza daquelle campo... De tempos para cá, uma vida nova, uma existencia estranha vinha se abrindo, vinha se rasgando pelos escampados de outr'ora, mudados então naquella colonisação estrangeira, avançando, ávidamente, pelas terras da fazenda onde elle nascêra, mermendo-lhe a vida, transformando em grandes ruínas silenciosas a estancia patriarchal que lá adiante se erguia, á sombra das timbaúbas seculares, onde não mais poisariam em manhãs estivas ou em tardes de «rodeios», os *bem-te-vis* alegres !... Prolongava-se a scisma, ao balanço do cavallo, a tróte curto, no diluculo do dia. Não se conformava com aquellas brucas intrujices de elementos alheios naquelle sólo que era seu pelo amor e pela bravura, palmiilhado numa longa existencia decorrida em guápas escaramuças aos domingos e insano trabalho em épocas de farta safra pastoril. E de quando em quando, justificando a sua revolta, atirava para trás, para frente e para os lados, phrases amargas, pungidas pela tristeza dos que olhiam com profundo pezar, a ruína da patria.

— Que vissem no mais, a verdade das cousas, a clareza dos factos. Haviam de se convencê que tudo se acabava... Culpado o governo, sempre mettido na politica, nas inleições, nas trapasas do vóto, e o resultado era só aquillo no mais... P'raquê tanto mundaréu de gente? Depois, no fim das contas, eram os casamentos, a cruza do sangue dos gringos, mais espertos que redomão, com o sangue puro das morenas dos pagos... As coisas mudavam mesmo. Gentes como no seu tempo era bobage campeá. Só havia gente bahiana,



uns sotrêtas que não sabiam pialar um novilho magro, nem repontar um bagual... Final de contas, uma disgracia !...

E logicas conclusões pessimistas Quincas Pedrozo arrancava do cerebro, de dentro da sua alma simples, na confusão esfumada da tarde silenciosa. Modificava-se, aos seus olhos, a figura spartana da raça heroica, producto dum attrito violento nas lutas da Conquista. Já não via mais diante si aquelle typo puro do guasca rehabilitado acima de todas as falsidades ethnographicas, o legitimo crioulo do campo, nascido no dorso do cavallo, á beira do galpão ; aquelle velho typo sem modificações e sem mescla, acostumado a emendar o dia e a noite, a aurora e o crepusculo, sempre prompto, com riso de infinita bondade, para o trabalho e o sacrificio de todos os momentos. Agora, para elle, tudo aquillo se desmorroneava. Cada casa que se erguia, cada rancho que apontava na estrada e cada alambrado que delimitava os campos, derruiam por terra o ideal gaúchesco. A sua aspiração e o seu instincto patrio restringiam-se á curta distancia dos seus olhos : fazer as mesmas tropas para Pelotas, metter-se na faina agitada dos rodeios, matear ao despontar do dia com a peonada da estancia, vendo esta prosperar cada vez mais, dilatando-se entre postos e quebradas, e ter sempre, a seu lado, nas horas da sêsta, caricia felina de Chinoca, sentada ao catre, aparendo-lhe palhas, espremendo-lhe cravos...

—Mas qual ! Tudo estava se acabando... Não havia mais remedio sinão esperar, como rez peiteada pelo carrapato, a hora da morte e, depois, seu corpo de gauchito limpo ser lançado, como traste ruim, nas restingas ou nos banhados de agua-pés, como nos tempos da Revolução... Mas que tomassem tento ! Elle não era tão máula como pensavam e decerto não havia de ir ansim no mais...



Avançava pouco a pouco para a querencia. Encolhia atalhos, na scisma dorida de unico sobrevivente d'uma geração que elle não mais tornaria a vêr na força, bondade e bravura primitivas, cortando o pampa sob as affrontas do tempo, castigado pelo trabalho permanente das estancias. Já ha dois annos que não faziam uma tropa. Os trens de bois da estrada de ferro roubavam-lhe a sua melhor taréfa para a linda cidade do São Gonçalo, taréfa que sempre cumpria á risca, sem nunca perder uma vez, por matreira que fôsse, dando conta do riscado com pericia e orgulho, batendo coxilhas de sol a sol na companhia daquelle seu malacara ainda guápo e prompto para o trabalho do campo.

Além, na Colonia Nova, a primeira que se fundára no municipio, a illuminação scintillava. Aquillo era uma offensa ao seu antigo orgulho indomavel. Aborreceu, desdenhou, numa ascua de nativista offendido, aquelle prenuncio de civilisação complicada.

Resmungou, ainda uma vez, guasqueando o cavallo: «que olhassem, que vissem e depois que lhe dessem razão... Dantes, os campos não tinham principios, não tinham fim; as fazendas não eram cortadas nem divididas por alambrados. Agora não passavam de invernadas mui mixes, mui pobres!» E avançando sempre, ao trôto do cavallo que se apressava para a sua ração de milho, Quincas olhou ainda para as ultimas luzes da colonia que se perdia á esquerda, entre largas coxilhas ondulantes. Lá estava ella na sua quietude pacifica, abrigando, com religioso respeito, centenaes de familias germanicas solidarias, no seu obscurantismo feliz, com as leis e poderio do *kaiser* longinquo. A estancia proxima repousava no seu immenso silencio de pedra, surgindo incerta, entre arvores farfalhantes, como a ruina de uma grandeza passada. O silencio cahia, pesado, como uma tampa de chumbo. Nenhum cão latia, nenhum relincho de cavallo, nenhum prisco



de gado chucro, no repouso do campo ermo. E por um momento de grande scisma, aquelle velho tropeiro, antigo capataz da estancia secular, fitando a serenidade do céu sem fim, sentindo-se só, á frente da casa morta, carcomida pelo avanço eterno do tempo, julgou-se o ultimo vestigio de uma tradição, — a derradeira sombra de uma raça apagada.

II

Dias depois Quinca Pedrozo ruminava a idéa de se ir com sua «pontinha» de gado, para os campos de Matto Grosso.

O grande estado central do Brasil surgia-lhe agora ao espirito como o ideal de seus sonhos de campeiro, semelhante talvez a um Rio Grande — primitivo, com os mesmos habitos e costumes, sobretudo, com a ampla largueza de seus campos dobrados, com a visão infinitamente grande que sua retina já não lograva descortinar.

Quando alguém falava sobre os vastos aspectos rudimentares d'aquella immensa região, em parte desconhecida, o gaúcho se punha logo attento, bebendo, palavra por palavra, as fantasticas descripções que dahi por diante iam viver no seu cerebro, atormentando-o, talvez, ainda mais.

Embóra sem conhecer outro territorio que não fosse o do seu Estado, não deixava de arriscar por conta propria affirmativas convincentes:

— Aquillo lá é que é vida, seu... Isto aqui já não vale mais nada!

Sua mente escaldava agora num grande desejo de conquista e de pósse. Era a migração do homem para outras paragens, mais de acordo com o seu bronco temperamento, mais suas, talvez, por principios de ordem ethnica, mais suas, talvez mesmo, por todos os outros principios: o imprevisito, a selvageria nomade, a immensidade dos latifundios abertos á aventura do primeiro intru-

zo ousado. Seria então reintegrado no meio em que se afeiçoára, num ambiente que já possuirá nas plagas do sul, liberal e amplo, onde enfim a noção da propriedade fosse mais vaga e por isso mesmo menos complicada... De chegada lá, disseram-lhe, podia comprar campo a conto de reis a legua... Que maravilha! Dentro de pouco, com algum trabalho, seria abastado estancieiro, um «graúdaço», respeitado por todos, gozando saúde e «categorias».

O rincão nativo no Rio Grande já não lhe dava mais nada. A devassa já ia de comarca em comarca, por toda a campanha, desde a serra até as barrancas da fronteira. Diminuía o sólo, diminuía a propriedade; novos costumes e novos hábitos faziam, no pago, a sua entrada triumphal.

Diante de tudo aquillo que elle vinha vendendo e observando, em confronto com os outros tempos, tal como elle entendia, tal como elle desejava que ainda fosse, barbaro, grande, gaúchescamente revél, diante de tudo isso que já não via no presente teve um recuo natural para o que ainda devisava no passado. Era a grande voz mysteriosa do instincto, vibrando dentro daquella forte armadura de Centauro. Por isso o gaúcho fugia do velhò torrão natal onde agora se rasgavam grandiosos horizontes de civilisação, em progresso crescente. Fugia assim em demanda do El-Dorado que lá estava em Matto Grosso e que estaria em qualquer outro lugar onde elle fosse definitivamente reintegrado no seu unico e verdadeiro meio...



HERÓE

N'AQUELLA hora de um occaso manchado a sangue, no silencio do galpão, entre largas baforadas de cigarro «crioulo» e lentos chupões do excellente *amargo* de «barbaquá», Amancio rematava a sua narrativa, olhando, evocativamente, o fundo deserto da estrada que lá adiante morria entre córtes e atalhos.

— Pois foi ansim, compadre... O homem morreu como um *valiente* que não se entrega ao primeiro grito ! Na occasião do encontro, os companheiros já iam longe e o tenente lá ficou sóto, entregue aquelles bandidos !..

Era uma historia commovedora, passada na campanha immensa, nos ultimos dias da sangrenta revolução «farroupilha».

Terminára-se o combate de «Ponche Verde», onde as hostes heroicas da cavallaria de Canabarro, depois de um encontro violento, a cargas de lança e de fogo, cantaram victoria sobre as forças legalistas ao mando de Bento Manuel, o valente guerreiro bandeador que tanta perseguição deitára á republica constituida de Piratiny. Nesse dia memoravel, um dos ultimos feitos luzidos da longa campanha revolucionaria, Januario Pedroso, tenente da columna do primeiro, desgarrar-se da grande parte da gente que, formando a retaguarda da força, marchava, tomando distancia, quebrando altiva, orgulhosa, embora exhausta, um repontão de coxilha, prolongando

a marcha sem uma direcção determinada, até onde podéssem encontrar um pouso pacifico para acampar, sem o cuidado de emboscadas e assaltos temerosos. Era o que cumpria fazer, com cautela, depois da noticia rapidamente espalhada de que Caxias mandaria reforço incontigente, para offerer combate decisivo áquella tremenda campanha travada em dez annos de heroismo e loucura. Mas o guápo tenente, sempre alegre e garbozo, em cima do cavallo ferido, pouco preoccupouse da distancia tomada pelos companheiros. Havia tido permissão do commandante em chefe, para, com o seu cabo ordenança, ficar atraz, afim de rebanhar cavallos e patriotas estraviados no impeto formidavel da refréga.

Todavia, grande parte dos inimigos não se dispersára. Passado o momento terrivel, conjugaram-se alguns pelotões de cavallaria. Ao longe já se ouvia o estampido das garruchas, o estrépito da cavallhada rebelde, em plena liberdade pampeana, na vasta solidão das coxilhas ondulantes, onde jorrára sangue em meio dia de carnificina. Era uma força que se agitava, levantando poeira, em ancia de vindicta. A ordenança que acompanhava o tenente revolucionario, lembrou-lhe o perigo, guasqueando o matungo abombado.

— Era bom atropelar. O seu tenente que se cuidasse, aquillo eram «bichos» na certa...

Mas, o official gracejou contra o máo pronuncio do camarada :

— Ora chô ! Aquillo não era nada ; quando muito alguns guaypégas perdidos... Depois, coragem, caramba ! Que fôsse..

A massa, á distancia, tomava já uma fórma definida. Era realmente um esquadrão de lanceiros e clavineiros a trote largo. O entardecer cahia, lento e humido, espalhando, pela solidão uma brutalidade de inverno carregado de vento e chuva.

As perspectivas sepultavam-se em brumas densas e o campo todo era uma vasta cerração,



diluindo as paisagens e os vultos errantes dos animaes.

A ordenança demorou ainda para trás o olhar ancioso, de uma accentuada timidez. Os «bichos» se aproximavam em tropél, volteando os lançantes da estrada. Ainda vinham longe. Mas, o velho soldado de 35 quiz afastar o superior, d'aquellas frias ideias de descaso e de valente, lembrando-lhe o proximo termo da luta, cousas enternecidas do lar, o riso doce das crianças, a alegria comovedora da mulher saudosa, á frente do rancho, de olhos razos d'emoção, com os filhos agarrados á saia, esperando o marido de volta dos campos de combate, são e salvo, carregado de honras e glorias, livre, talvez para sempre, da furia impetuosa dos entreveiros..

— Qual nada! Isso são coisas... Inda tenho mostarda para muito tubiãno sotrêta — respondeu Pedrozo, abrindo um largo sorriso de indiferença nos seu labios tostados pelo sol e pelo fogo.

Acima de tudo estava a liberdade dos pagos, do altivo fogão gaúcho. Todo o seu intimo mostrava o mesmo ardôr de sempre, uma vontade indeclinavel de lutar, de encontros decisivos, engrandecendo-se, cada vez mais, em favor da causa revolucionaria que abraçára, desde o dia em que abandonou, por tempo incerto, a sua estanciola, no municipio de Bagé. O sangue da revolução, o ideal de uma liberdade absoluta, annunciada pelos aráutos gaúchescos, de pago em pago, de coxillia em coxilha, de sérra em sérra, emancipando o torrão querido da vontade prepotente do Imperio que estendia os seus braços de ferro até a ultima linha das fronteiras do sul, alteavam-lhe na alma indomavel de revól, a chama da revolta, o sonho da conquista, depurando-se, como resultado de todas as suas energias, um caudillo submisso, ás ordens de Bento Gonçalves e Canabarro. Com este ultimo, tomára parte no

cêrco de Rio Pardo, na expedição de Lages, affrontando a imminencia dos perigos, rompendo obstaculos de toda sorte, sempre na vanguarda das forças, ao lado do velho heróe republicano. No combate de «Ponche Verde» portára-se, então, com inexcêdível denodo, até a ultima carga de lança, contra as hóstes inimigas, estendidas em linha de fogo cerrado.

O esquadrão de legalistas se aproximava pouco a pouco, picando os destroços da força victoriosa que marchava sem ordem, como de volta de uma derrota. Elle não comprehendia os motivos daquella perseguição depois da tamanha tunda que levaram.

Procurou com calma verificar a arma que trazia no coldre, quando ouviu, já proximo, a primeira detonação das clavinas inimigas. Não havia mais duvida: eram *elles*, realmente. Já não lhe restava mais tempo a perder, tanto fôra o descuido naquelle resto de dia, á procura de estraviados e feridos no meio do campo. Puxou da sua arma, verificou a carga, a estabilidade do gatilho e atropelou o cavallo.

Os legalistas já vinham a cem passos, quando muito; os companheiros haviam se distanciando mais de meia legua. O perigo surgia intransponível. Comtudo, «aquillo não havia de ser nada», dizia, e para a retaguarda alvejou duas vezes a arma. Subito, as redeas lhe fugiram das mãos, vergando-se o corpo com vago gemido, na testeira do lombilho aperado. Um ferimento! Era a consequencia fatal de um descuido. A ordenança, esporeando o matungo, á redea solta, se precipitou, á frente, aos gritos de *já se vieram!*

Só então, quando se sentiu trahido pela imprudencia da sua não desmentida coragem foi que Januario Pedrozo comprehendeu, claramente, a seriedade do perigo. O esquadrão se aproximava em fragor, para cahir sobre aquelle homem só, abandonado na grande coxilha deserta. Outros



tiros dispararam, errando o alvo. Uma bala zuniu-lhe pela orelha. Argamassou-se ao cavállo; era um vulto só, correndo, desenfreadamente; já não havia mais tempo de carregar a pistola. Uma resolução brusca fel-o parar subitamente. Sabia que d'ali não escaparia. Era chegada a occasião; restava-lhe morrer como homem... A certeza da morte o convenceu da inutilidade da fuga. Nenhum companheiro tinha ali que corresse em seu auxilio. O proprio camarada de ordens fugira em melhor cavallo, diante do primeiro signal da força que se aproximava. Desembainhou então a espada com a mão ferida e apeou-se do *douradillo* exausto, seu fiel companheiro de guerra, também, como elle, victima do alvo certo das balas. E foi uma lucta tremenda e encarniçada! Todo o esquadrão ali estava, cercando-o, num delirio inaudito.

— Matem-me como homem, bandidos! — Crusou o ferro com os primeiros que se achegavam, numa destreza unica, que surgia momentanea e violenta, obrigada pelo instincto da conservação até os ultimos momentos da vida. A espada vibrou varias vezes, varias vezes recuou, ferindo, defendendo-se, com indomavel coragem. Conheciam-lhe o nome valente e respeitado em toda a campanha revolucionaria. Por isso mesmo cuidavam todos os seus passos, até aquelle encontro cruel, onde o apanharam, já ferido, mas lutando, lutando sempre, até onde sua força o conduzisse.

— Commigo é isto aqui no mais — gritou um official, e um tiro certo o jogou ao sólo, num arranco desesperado de vida. Entre bravos e vivas, um sargento cravou-lhe a lança na pupilla direita, — e de novo seguiram á cata de outros republicanos desgarrados no esfumado traiçoeiro da tarde que morria.

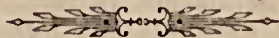
Retorcendo-se em espasmos mortaes, consequentes da hemorragia interna das feridas, o guápo tenente revolucionario balbuciou ainda um

viva á liberdade, soturno, cavo, quasi indivisivel, sahido do fundo da sua alma de patriota, elevada ás raías dos herois allucinados.

Uma ancia de desespero arrancou-lhe o suspiro final. Morreu com o seu sonho, no ermo da campina, ao lado do seu cavallo espingardeado tambem pela brutalidade das cargas inimigas.

*

Dias depois, os corvos baixavam em bandos, para o repasto que offerecia aquelle soldado infeliz. Eram amontoados tumultuosos de sombras negras, a se precipitarem no cadaver, destruindo, a bicadas, o corpo que se putrefazia ao sol, sobre a terra que foi seu berço e seu tumulo. E aquella reunião de azas sinistras, esvoaçando, ali ao lado, na erma solidão da campanha, formava, uma estranha bandeira negra, cobrindo um heróe anônimo num adeus derradeiro...



CONTRABANDISTA

DE rasto no presente, como uma vaga projecção do passado, errando na gleba heroica, sem capanga e sem corcél, o caudilho das escaramuças d'antanho, longe de ser uma realidade, é apenas uma ficção desalinhada, sem um fulgor de historia, agonizando ao sopro navalhante dos minuanos que cortam o sólo, modificado por continuos attritos de elementos novos.

Mais acertado ainda seria dizer-se que já não existe aquella figura de aventureiro e revél, resumbrando o fogo da coragem, enforquilhado no dorso do cavallo, domando as sinuosidades da terra, vencendo as proprias incertezas do Destino, proclamando sonhos ardentes de liberdade. Esse, dizem, desapareceu.

O que ahi no campo existe a galopar, furtivo e timido, perseguido pelas sombras do medo, fugindo sempre para o sul, para a fronteira Oriental, ou para as ribas protectoras da Argentina, são por vezes, senão quasi sempre, méras apparições de contrabandistas, assassinos a golpes frios, filhos do latrocinio e do abigeato, predispostos ao crime, delinquentes por officio ou por uma imprescindivel condição de meio. Ha o contrabando. Ha a necessidade de o passar. Ha ainda a audacia perigosa de semelhante empreza, — e ahi tendes, á sombra das fronteiras, na linha divisó-

ria do territorio, o contrabandista alcuinhado em caudilho por um imperdoavel mal-entendido dos de fóra...

Corta caminlios arriscados, em demanda de destinos incertos, conduzindo sua carga, e, para resguardal-a da avidez aduaneira, espingardeia e mata.

D'ahi em diante, a luta e o sobresalto jámais lhe largam as pègádas ligeiras. No primeiro encontro, se não tombar fulminado faz-se novamente homicida. E' d'ahi que começa o prenuncio sombrio da carreira, marcando-lhe a directriz infeliz. Segue então, á socapa, como sombra errante, fugindo á visão correcional que o roubará, para sempre, do repouso do rancho, da caricia vadia do catre, da maciez dos pellegôs, dos dulçores das séstas que o reforçaram de inercia, subtrahindo-lhe a audacia pacifica para o trabalho honesto, sadio, sem violencia, sem temor, sem desfalecimento. E' uma pagina quente de sangue, essa, que o olvido jámais a sepultará...

*

Nessas condições, ali andava na barranca do Quaraly, em negaceios de cobra, a pimponice esbelta e atrevida de Amancio Silva. Gente do municipio ou das bandas de Santo Eugenio resumia o caso, cruamente, sem delongas nem detalhes.

Creara-se naquella profissão aventureira. Quando gury, acompanhára seu pae em jornadas audaciosas, sentindo de perto a imminecia dos perigos, sempre de trabuco á cintura, desafiando os guardas repressores com insolência de ditos marotos, apanhados á giria. Longo tempo depois, em momentos de emboscada, assistiu a morte, á bala, da anfracta figura paterna, na occasião em que transpunha a fronteira do Uruguay, com cargueiros de contrabando.

Des d'isso jurou vingar-se. Aprendeu o crime n'aquella scena momentanea; a occasião o fez

delinquente, e o assassino surgiu num atavico e estranho conjunto de elementos depressivos. Matára, logo depois, na vigiada barranca beira-rio, o guarda zeloso do fisco, bandido também, fêro trabuqueiro dos encontros á noite, nas picadas silenciosas da estrada...

Assim Amancio Silva se fez bandido, ora por necessidade, ora por profissão, mas sempre fiél ao cumprimento dos contractos.

Matou muitas vezes, mas nunca roubou objecto algum dos carregamentos a seu cargo...

Desmentiu costumes communs em outros... Cavallos e gados, sim; contrabando, nunca... Os negociantes fraudulentos, os avidos *pássadores* de mercancias occultas, das bandas de Santo Eugenio, confiança extraordinaria nelle depositavam:

— Queremos o Amancio, diziam. Nesse negocio é conveniente *el hombre*, reclamavam.

E o plano contra a esperteza da aduana ficava assim assentado, mediante um aperto de mão, symbolo vivo, inalteravel, da velha lealdade gaúcha.

*

Os guardas ferraram-lhe o olho.

Souberam do plano e d'aquella vez não escaparia livre das balas perseguidoras. Prepararam emboscadas á noite nos caminhos que córtam, como uma mancha côr de cinzá, os verdes e luminosos lençoes da campanha pampeana.

Mas Amancio ainda uma vez cumprira o encargo com successo.

Um dia appareceu-lhe negocio novo e rendoso: levaria para o municipio de Alegrete, em esconso rancho beira estrada, um cargueiro com joias. Fecharam o contracto para a manhã seguinte. E trez dias depois de longa viagem, sob a canicula férrea de Janeiro em brasa, Amancio apontou na coxilha ondeante, ao balanço do cavallo altaneiro, fronteando o rancho demarcado para entrega da carga. Fôra um trajecto perigoso.

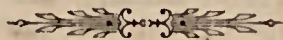
Por varias vezes, grupos de repressores perseguiram-n'o a fôrtes tiroteios, á pata de matungos ruins, nos prainos immensos. Mas tinha dado «sua palavra» e havia de levar o contrabando, custasse o que custasse. Nunca temêra perigo, muito menos disparadas «al pêdro» de pontarias erroneas.

— Que pellassem o facão, proseava — e haviam de conhecer a força do seu fêrro... E assim, enganando sempre, negociando restingas, cortando caminhos estranhos, arrombando alambrados, alvejando ás vezes a arma, chegára, enfim, a seu destino, derreado e salvo.

Bateu ao rancho; explicou o motivo da chegada. Mandaram-n'o que se apeasse e que entrasse para o descanso. E na alegria ruidosa da missão cumprida, livre do embargo das aventuras e dos perigos que sempre surgiam, complicando situações, Amancio enfiou, com o cargueiro precioso, para o abrigo do rancho patriarchal.

.

Houve um estampido fôrte de tiros, ruido de armas brancas se cruzando com fragor. Depois, gemidos de vencido, ancias de agonizante aniquilado pela traição, e aquella altaneira figura de contrabandista homicida e guápo, não mais sahira do rancho ermo, alinhado na estrada solitaria, numa tristeza pungente de tapêra...



CARNIÇA

MANCHA NO PAMPA

A solitaria beira daquella restinga, perdida no fundo enfezado do campo, diariamente chafurdada pelas pontas de gado ou pelas troilhas e manadas que ali estacionavam, em relinchos, gozando a liberdade nomada, avultava, de lenge, como um bloco de pedra, uma rez morta.

Cahira ali, dias antes, fulminada pelas bicheiras e contagio de epizóotias damninhas; cahira convencida da hora extrema e não mais se levantára; cahira, pezadamente, para morrer.

Parado rodeio na estancia, contado a olho e a dêdo o gado das invernadas mais proximas, passou despercebida a falta daquelle boi extra-viado.

No alto, os corvos, rasgando a serenidade azul, pespontavam o céu de negras manchas errantes. Baixavam, grasnando, pouco a pouco, tímidos e perscrutadores. Eram redemoinhos sinistros, formados de negras espiraes, em gyros demorados, circumscrevendo evoluções, esfuziando azas, olhos voltados para a terra, numa prestes arremetida ao inimigo inerte, destendido á beira immunda da sanga solitaria, izolada no deserto. E ora tímidos, ora velozes, avançando e recuando, solertes, negociadores, decisivos depois, na im-

minente explosão da coragem, em face da luta a travar-se, os corvos chegavam, uns após outros, aos saltos, aos priscos, sondando ao derredor, até pousarem, finalmente, sobre a carniça fetida, maculando o esplendor do ambiente, sobre o alvo-roto impetuoso dos vérmes e o zum-zum luxuriante das varejeiras.

Era um boi môcho, um boi manso, um boi sinueleiro. Desgarrára-se do rodeio na hora dos curativos. Conhecia, de longos tempos, aquelles momentos angustiosos, sob o sol brazio, em que eram tocados todos, em tropa, para encerra, para os custeios mensaes, a assobio e a laço, sob o estrepito violento da cavallhada a galope. Minados pelo carrapato ou pela « tristeza », de lombos comidos de bicheiras, a mostrarem na baba os symptomas da aphtosa dizimante, entravam, numa incursão subita, pelas mangueiras a dentro, onde a pionada attenta se distribuia, sacudindo arreadores trançados, derrubando um a um de encontro aos palanques, bois e novilhos, com aquella mesma presteza dos dias afañosos de marcação. Era uma luta insana por todas as dependencias da estancia, em dias consecutivos de trabalho. O gado todo estacionava nas largas mangueiras de pedra. Muitos morriam após os primeiros effeitos d'aquella veterinaria rude, ficando apenas como lembrança, a coirama estaqueada ao sol, vendida depois aos barraqueiros ambulantes, em visita aos estabelecimentos, fechando transacções.

Aquella rez inerte, decompondo-se á luz vibrante de um sol caustico, conhecêra as medidas preventivas da pecuaria da estancia a que pertencia. Previra a sina sinistra, aquella inutilidade de esforços de que fôra, atravéz de annos a fio, testemunha impassivel, sempre na mesma condição de guiar gerações inteiras de companheiros desaparecidos. Não houve safras que não fôsse á frente, vezes sem conta, roteando pontas de vaccas, lotes de novilhos gordos, crioulos e mes-



tiços, tocados para as tabladas ou para os matedouros da cidade... Reteve, por muito tempo, na memória, a rude psychologia das estancias, surgindo em todas as direcções e horizontes que o olhar abrange como pontos brancos se destacando nas verdes coxilhas sem termo. Ella convenceu-se, pacificamente, que devia morrer sem cuidados, longe da açoitadeira do capataz, — e fugiu; fugiu derrubando tronqueiras, bandeando banhados, baixando e subindo coxilhões e chapadas, rumo incerto, até onde a levasse seu supremo esforço physico tombando, afinal, vencida, longe do olhar resignado das companheiras de desdita.

Era um caso extranho aquelle, nos annaes das criações do Sul.

*

Por sobre a sua morte passaram-se os dias. O cheiro das carnes se putrefazendo ao sol atrahia, pouco a pouco, o olfato dos corvos. Sentiram que a presa os chamava. Houve um levante de azas ao longe. Voando, um a um, achegavam-se vagarosamente, junto ao animal abandonado. Deglutiram-no em partes, com appetite feroz. Vinha a noite e repousavam de novo... Sinistras e formidaveis reatavam, pela manhã, o banquete de vèspere. Eram vinte, trinta, quarenta, cem bicos vorazes, rasgando a carne inflada do sinueleiro extincto. Havia entre elles longos attritos tumultuosos, duvidas violentas, egoismo latente de abutres, o mesmo que entre os homens... Eram questões dum pedaço melhor, cada qual procurando a pòsse primeiro, enquanto algum mais tímido lá ia avançando, bicando, destruindo o bocado litigioso, diante da arenga agitada entre os companheiros veneraveis de afiladas garras luzidias... Um vulto que passasse, um cavalleiro que surgisse, perlongando as costas do banhado, era lógo uma fuga espavorida de azas. Voltava o silencio no escampo, na planura

erma, e elles, de novo, com a mesma ancia, com a mesma soffreguidão, retomavam o inimigo indefeço, cobrindo-o de negro, amortalliado sobre o fervor dos vermes e sob o fremito continuo de azas agitadas...

E' um banquete commun esse, na vasta solidão pampeana! A victima não tem cóva; desfaz-se á flôr da terra ou no charco das restingas, saciando a fome bravia dos urubús. Os olhos desapareceram. Foram as primeiras partes dilaceradas. Restavam, apenas, duas orbitas profundas e vasias por onde, avidamente, os bicos se mergulhavam na ancia do desejo e da pósse. Os ossos appareciam descarnados, e da cabeça aos encontros restava, d'aquella larga conformação bovina, uma lugubre figura esqueletica, apagando para sempre a altiva magestade do habitante coxilheseo. As costellas destacavam-se limpas, rigidas, arqueadas, numa brancura de marfim. Nada mais restava então d'quelle pacifico andante do pampa.

O banquete sinistro terminára.

As aves carnivoras começavam por abandonar-o pouco a pouco, revoejando, fartas, a crocitar, em bandos lentos, por sobre o tôpo das arvores raras, marcando o sitio ermo daquelle silencioso fundo de estancia. Enpoleiravam-se, preguiçosas, depois da luta formidavel com que enfrentaram o velho inimigo abandonado...

Cahia no campo, rapidamente, um crepusculo morno, pezado, a baixar com os primeiros claros da lua cheia, vermelhando, ao longe, por traz das coxilhas, num céu sem nuvem, como uma braza suspensa na immensidade infinita dos espaços. Nem o mais léve ruido quebrava, agora, aquella longa tristeza de deserto. E, reduzido a ossos sómente, o velho sinueleiro já limpo, já desfeito, repousou, para sempre, pacificamente, sob o olhar scintilante dos corvos, cobrindo de negro os verdes esgalhos das tinbaúbas novas...



ALMA DE CÉGO



PARARA o trem no entroncamento de Cacequy.

Eram onze horas da manhã. O céu limpo deixava ver um sol radioso e forte, quebrando-se em feixes luminosos sobre a terra verdecente. Na estação havia um movimento intenso; passageiros entrecrusavam-se, apressadamente, uns para os carros, outros para o almoço ligeiro no restaurante *Fonseca*, enquanto os carrinhos rodavam, carregando e descarregando malas e saccos, enchendo-se assim a *gare* de um forte rumor de vida e trabalho. Comboios de passageiros e de cargas chegavam silvando e fumegantes, de todos os pontos do ramal ferro-viario do Estado gaúcho, e ali estacionavam nos innumerados desvios da linha dormente, á espera dos horarios de partida para novos destinos.

Um xirú fronteiriço, mettido a *quebra*, na palavra e no gesto, de chiripá enfiado no corpo bambo, dardejava olhares curiosos por sobre as locomotivas soltando vapor, estendidas nos trilhos torcicollosos.

— Bichos cuéras! Oigalé! Mas não respeito... Si duvidassem encostava o *baio-sebruno*, còla e luz, laço curto... Inté era bobáge!

E por sobre as machinas inertes, paradas na linha, jogava, de quando em vez, outros ditos

entonados, fazendo a glorificação do seu *ca'allo* marchador que ali estava a cabresto curto, para sair em viagem, á noite, para o Saycan.

Na plataforma repleta, os empregados da estrada zigue-zagueavam espertos, pregando rotulos nas bagagens que se destinavam a diversos pontos do Estado. Uma sineta espancou, monotonamente, o rumor da estação, annunciando os quinze minutos que faltavam para a partida do trem de Santa Maria; este só esperava o comboio de Sant'Anna para de novo seguir viagem. O movimento de passageiros tornava-se mais denso. Todos andavam num apuro nervoso, numa ancia de retomar, nóvamente, seus logares, nos sujos e desconjuntados carros que ainda trafégam na linha da fronteira. Mais um outro signal da sineta, e o trem seguiu, rodando, despejando fagú-lhas, num incontido desespero de encurtar córtes e distancias, com a velocidade maxima de 20 kilometros por hora ...

De esquecido recanto da plataforma vinham acordes asperos de gaita. Outros viajantes acercaram-se d'uma exigua figura de caboclo. Velho e cégo trovador, vivia elle ha annos, ali, em Cacequy, chamando a attenção de todos, com a dolencia amarga de suas trovas e improvisos, ao som de uma acordeona de duas ordens. Era assim todos os dias, ás mesmas horas, na passagem dos trens. Entregava-se todo áquella insana labuta, ageitando a garganta *manheira*, apparellhando o instrumento alquebrado, na radiosa esperança de mais uns *cobres* para a guayaca pauperrima. Aquillo era uma necessidade imprescindivel: ou no pampa, ou no rancho, ou na estrada ou ali na estação férrea, sob o sol ou á chuva, ao rigor dos minuanos, ou sob as ardentes soalheiras estivaes, havia de arrastar sempre aquella existencia de desditas, obrigado pela grandesa lyrica da



alma e pela contingencia mesquinha do corpo. Um prazer consolador, talvez, vibrasse na sua sombria alma de cego... Quem sabe? De muitas desgraças se fazem muitas profissões. Trovador por esthesia ou por necessidade, mas afinal sempre trovador... Havia mesmo uma certa altivez naquella sina dolente.

— Mesmo ansim, dizia, como vê, nenhum cuêra me piza no poncho... E os motejos de uns, a curiosidade de outros envolviam-no horas e horas, ali na estação, pilheriando, cada qual mais prompto, sobre a sua vida e a sua musa. Quando abria o teclado da gaita humilde como um pêrro sem dono dezenas de quadras anonymas tambem como a sua alma, bailavam, saltavam, fluentes e limpidas, á flôr dos seus labios murchos. Quasi sempre, naquellas tróvas singelas, apanhadas da *Chimarrita*, *Tyranna*, *Boi-barroso* e *Quero-mãna* passavam sorrisos flavos de mulher, *recuerdos* das tapéras do rincão nativo, sonhos de amor, carícias rutilas roubadas á beira do fogão, na hora das *sécas* e dos *amargos* lá na gleba longinqua, envolta em sombra e saudade...

— Mais coisitas de amor, amigo velho, pediam-lhe. E o alquebrado menestról repuchava, dolentemente, o folle estragado da acordeona, ageitando-a ao vigor da garganta remissa.

«En amei uma tyranna,
E ella não me quíz bem !
Agora vou despresal-a,
Vou ser tyranno tambem !

Com emphase :

«Tyranna feliz Tyranna,
Tyranna vamos embóra,
Juntinhos de braço dado,
Antes do romper da aurora...»

Com esperança:

«Tyranna bella tyranna,
Tyranna do arvoredado:
Si teu pãe te degredar,
Commigo seja o degredo!»

Com carinho:

«Tyranna bella Tyranna
Tyranna não chores não;
Não dormirás ao relento:
Teu leito é meu coração!»

.....

Eram essas, eram ontras, uma infinidade mais de trovas populares que cantava o cego rapsodo crioulo. Sempre com entusiasmo, salivando a cada instante, num desageito de pernas cruzadas, ainda soltava, no ar, ontras cantigas amorosas do vasto repertorio do cancionero gaúcho. E ainda, como ironia mordaz á sua tristíssima noite de cego, arrancou do peito bronco mais uma lapidaria bizarra:

«Tão bella flor digo agora,
Tão bella flor quero-mana,
Quando eu ando neste fado,
A propria sombra me engana...»

Num sceptecismo de ludibriado, declamou uma quadra de sua lavra:

«Qu'eu amo já tudo sabe,
Digo, repito, não nego.
Mas o que póde fazer
O amor dum pobre cego?»

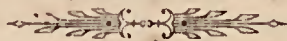


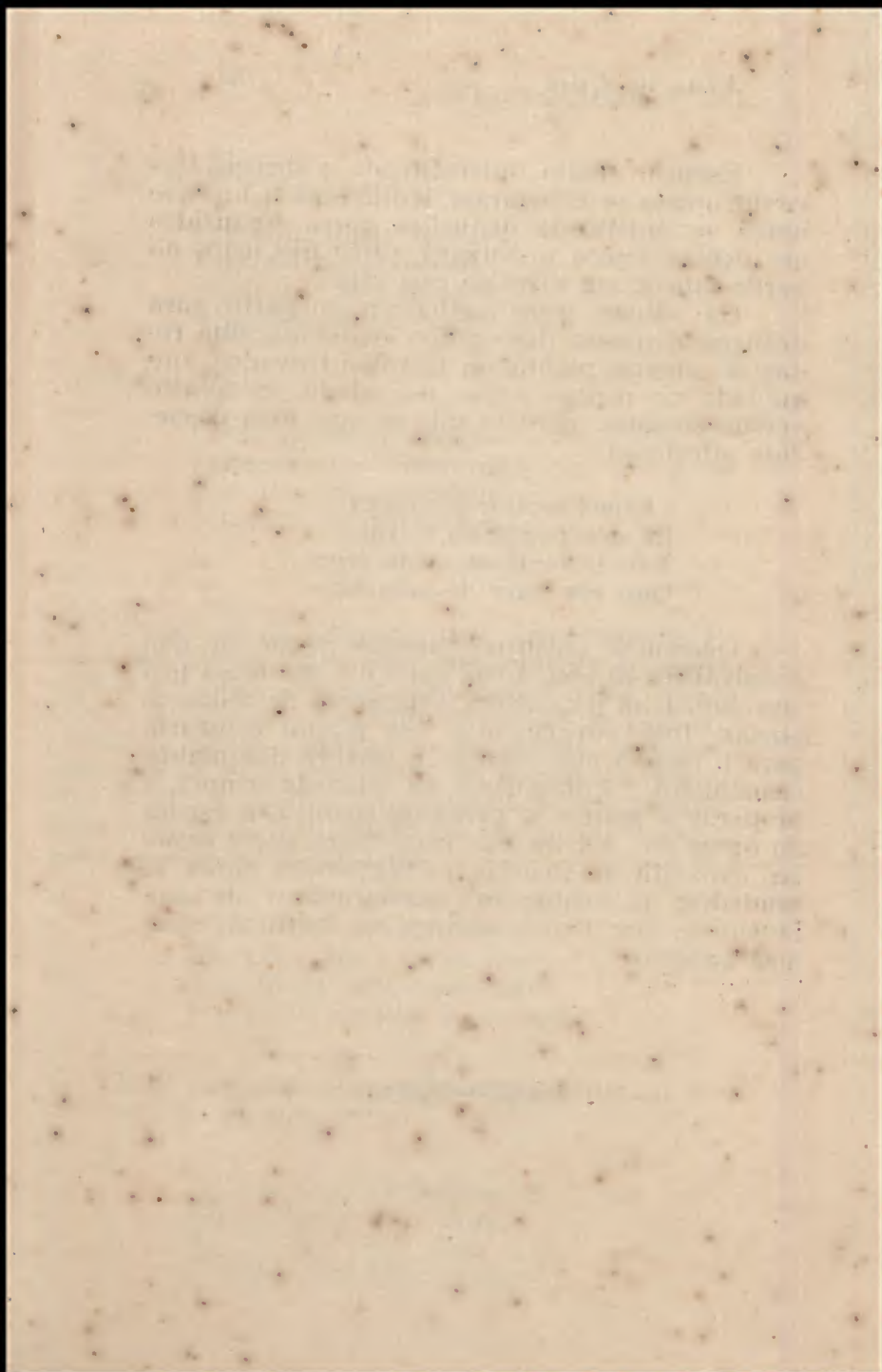
Estacou subito, interrogando o silencio. Uns riram; outros se affastaram, indifferentes; um que outro se enternecia daquellas dores traduzidas em versos toscos e deixava cair nas mãos do bardo infeliz, um nikel de cem réis...

Os ultimos trens aeabavam de partir para destinos diversos, despedindo centelhas, num rodar de carros quebrados. O velho trovador, aniquillado no mesmo canto, deu ainda, em quatro versos sentidos, para os que se iam, uma despedida affectuosa:

«Adeus senhores amigos,
Lá dos pagos do rincão;
Não se olvidem deste cégo,
Que vos quer de coração.»

Quedou-se assim no immenso vâcuo em que o deixavam só, com a sua gaita e a sua musa melancolica, feita da tristeza expressiva de todos os poetas. Dáli novamente o seu piassito o levaria para o rancho mal coberto, a sombra dos umbús ramalhudos... Continuaría nã faina de sempre, a preparar a gaita e a garganta esquiva, á espera de outro dia, á hora dos trens, para pedir esmolas, expandir as alegrias, as magoas, as dores, as saudades, as lembranças perduradoras da sua juventude morta para sempre, no dorso das coxilhas gaúchas.





Sêcca



Paizagem estiva

ARDENDO, impotente, ás vibrações de aço das soalheiras, a terra adusta tem estremeções selvagens, sentindo-se mortalmente asphyxiada. O fantasma da sêcca ét ambein para esta pobre terra sulina um aniquilador implacavel; tritura, arrasa, domina, subito impolga-a, vencendo-a, desassombradamente, espasmando-lhe todas as fibras, destruindo-lhe toda a seiva, sugando-lhe todos os flancos, em aúcia de volupia e rébeldia, a crepitar na chamma das requeimas. O espectáculo apavóra pela multiplicidade das scenas que resaltam aos olhos espantados dos que cruzam a larga campanha morta. Surgem lances de tragedia ao sól, fugas arremettidas de esperanças, punhaladas de fogo vibradas á natureza vencida pelos raios ardentes que se escôam, infiltrando, na alma do homem, a sensação do pavor e do medo — absoluto, unica vez em que o assalta, temendo ficar ali, preso, diante de todos os elementos que o cercam, como num circulo do inferno dantesco... E' a terra abandonada, o trabalho para sempre perdido, a sugestão acabrunhadora da sêde futura, a visão tragica da fome, o canto chão nublante das entranhas esterilísadas !

Abalada por mil cousas que se imaginam, diante de um scenario qualquer, ou de uma noticia de longe, sobre uma miseria dolorosa, a alma do campeiro rude, a grande energia do guás-



ca, energia e alma lendariamente heroicas, aniquilam-se vencidas, sentindo já sobre si o peso da miséria dos outros. Desaba ainda, por muitos dias, a cólera canicular. E a existencia do campo desde as sombras das mangueiras, até a immensidade dos praianos, essa vida inteira de cantigas á liberdade, essa luminosa doçura das coxilhas ondulantes onde outr'ora rebentaram florações de enthusiasmo na alma guerreira dos caudilhos, róla entorpecida, em desolação e melancolia. O polychrómo scenario do campo, desaparece num ancio de vida que reluta num estremecimento de coração que desespera. Todas as forças, todos os alentos, todas as tenacidades são, de improviso, annulladas por uma força estranha, espalhando-se, multiplicando-se sinistra, nas grandes esplanadas da campanha infinita, onde o genio errante das velhas tradições agoniza com a terra calcinada. O céo é de um azul desbotado e vago, por onde um mesmo sol vermelho e grande passeia, monotonamente, doze horas de estermínio cruél. E' uma existencia paulatina, invariavel, que serve de espantallo ao homem nativo. Elle se sente vencido para sempre; abala-se, reclusa-se dentro da sua estructura desempenada e altiva, sem os arqueados retalhamentos do sertanejo do Norte, e, ao atravessar as estradas extensivas, contempla de pupillas rasgadas, de narinas abertas, a tristeza impassivel dos panoramas, as paizagens mortas, os ocosos violentos desvairados pelo fumo e pelo fogo. Como ultima esperanza vel-o, ás vezes, a fitar a impassibilidade do céo, procurando vêr n'algum fiapo de nuvem esgarçada, a galopar indomavel, coleante, em pinchos, um pre-nuncio da chuva que espera todos os dias desesperando...

— Ah! se viesse, ainda seria a salvação de muita cousa, tartamudeia.

Mas a chuva não vem, a agua não cáe, e o proprio sereno fôge. Nas dóbras destendidas do



horizonte desfigurado, não ha um traço que assignale a harmonia da côr ou a suavidade dos verdes lenções gramineos, perdidos, confusos, na deflagração das distancias. As perspectivas são vagas e incertas como a propria chuva. E finalmente tudo fica entregue á luz impetuosa do sol estivo, sol ardente de janeiro, se decompondo em linguas bravias que pouco a pouco, lentamente, no fugir vagaroso das horas, assassinam as entranhas da terra infeliz...

No campo a deserção assombra; o abandono da vida e do trabalho architecta, na mente, o aspecto sombrio dum deserto senegalesco, sem o encanto, embora falso, dos imprevistos continuos. O chiar das carretas, o rodar das diligencias, o trotar das cavalladas pelas estradas batidas, deixam atrás nuvens densas de poeira. O gado, aos repontes, num instinto de conservação e de luta, em demanda das *aguadas* mortas, fôge, num desespero bravio, em disparadas furiosas, procurando o liquido bemfazejo noutros sitios da querencia ingrata, pelo fundo dos campos, em logares escondos, até então olvidados.

Ahi, sim, a trágedia é violenta; já não existe um banhado com agua, embora liquido viscoso das longas estagnações: ou é lodo ou é barro sêco. Outros animaes, com esperança, lá se vão em filas, em tropas, em manadas, de cabeças pendidas, procurando a agua. Seguem, marcham para diante. E' o exodo das criações de uma fazenda para os campos de outra fazenda. Nos sitios que beiram as linhas ferreas, o fogo começa a chamejar nas macegas, nas touças de *maria-mól*, por todas as gramineas resequidas e rasteiras. Leguas e leguas, sob o mesmo sol, sob o mesmo novelo denso de fumaça o fogo espraia-se; alastra-se fulmina, arrasa.

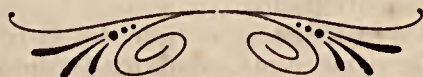
*

Assim é a sêcca. O mesmo effeito no norte como no sul, a mesmissima cousa no Ceará como



no Rio Grande. Dois mezes sem chuva, e ali surge ella, impondo ao homem e á natureza, uma contingencia mesquinha.

Os gados abatem-se de magreza, derreados pela sêde, cahidos em meio do campo, á beira dos banhados; as arvores, raras no campo immenso, tomam similhanças esguias de visões paralygadas, de braços descarnados e erguidos n'uma préce dolorida — o *in-extremis* da vida. E as folhas voam, rolam depois, aos montes, aos novelos, em redemoinhos, sob a luz crúa do sol que, na sua vertigem olympica, dardeja no alto céu exsiccado. O tropeiro que passa através de quebradas e atalhos deixa-se por um momento ficar absorto, penalizado, de cabeça baixa, na solidão vasia das estradas, vendo as folhas que fogem a rolar, a rolar, caminho a fóra, inconscientemente — para o nada...



CARNEADOR

PRESO numa emboscada, Xirú Silveira ali estava, em mangas de camisa, de bombachas de riscado nacional, com o chapéu quebrado na nùca e a larga faca enfiada em grosseira bainha de couro crú.

A condição supplice em que de continuo se retraia, apiedava os desconhecidos que passavam, cortando atalhos, na estrada poeirenta. Quem o visse de pértio, naquella costumada moleza, naquelle expressivo gesto de preguiça inherente a uma raça nova, mas já exausta pela lei imprescindível do maior esforço, certo não diria ser um temível batedor das coxilhas do Sul, entregue, como os cangaceiros do Norte, aos imprevistos violentos da luta... Escondia n'quelle desconjuncto de ossos, a perversidade adréde preparada pelo meio que o desenvolvera e o repudiára depois. Uma anomalia patente justificava um facto notavel: durante doze annos exercitára, nos saladeiros, a profissão dizimante de «carneador». Larga fama conquistára assim na camaradagem perigosa da «cancha», inflado de orgulho, com dózes excitantes de alcool, vendo como os companheiros respeitavam, humildes e vencidos, a agilidade homicida da sua «carniceira» temperada, brandindo de continuo, ao sol ardente das safras. Nunca perdera «parada», jámais se lhe avantajaram na destruição permanente de tropas vindas, uma após outra, repontadas dos municipios pastoris



no afanoso período das matanças. Também fóra d'ali, na rancharia das clinas, elle se impunha sempre o mesmo: ativo, audacioso, valentão. Era para elle, quasi ao ár livre, o carinho lascivo das comadres. Com outras já vellhiscas, tramava camaradagens perversas. Arranjavam-lhe, a sorrir, pedindo «cautéla», repontes de clinocas novas, ainda á flor dos annos virgens, negociadas durante a folga, com phrases curtas, apanhadas no calão da campanha, prometendo, num lirismo canalha, futuros embrulhados de verde, dentro do rancho quieto, no pó de ouro das tardes estivas... Tudo era, decerto, uma resultante da face perversa... Sabia de sobejo como se matava. Fizera-se homem nas pedras ensanguentadas da «cancha», acompanhando, com vivo interesse, toda a existencia brutal dos «carneadores» tangedos á estopa, a correrem de um lado para outro, vibrando o aço feroz, com a certeza dos supplicadores afeitos, desde a infancia, ao exterminio da vida.

Nos duros invernos de minuanos a soprar, rijamente, pelos escampos desabrigados, a saudade acordava-lhe n'alma o delirio ruidoso dos dias de sol, ouvindo o estrépido das tropas tocadas para «encérrea», donde horas depois sahiam para o laço certo do «dénucador». A' chegada do verão, chamando o trabalho das safras, o sangue engorgitava-se-lhe nas cordoveias tensas, num alvoroço de luta permanente.

E lá se ia, para a lida, ao despertar alacre das madrugadas de velludo, espalhando no campo os ultimos brilhos somnambulos da alva mysteriosa. De sol a sol se agitava, lá dentro do grande estabelecimento industrial, aquella vida inalteravel de trabalho e de morte. Vinha depois um ligeiro descanso, uma rapida trégua á faina assassina. O sombrio «carneador» guardava a mesma posição de madraço, picando fumo, chupando «amargos» de «caúna» sovada, até que, de



novo, a sineta o chamasse para o extermínio final do gado «embretado», abatido e nureho, na plena certeza do fim tragico que o esperara.

Era-lhe indifferente vêr, todos os dias, aquellas grandes vidas que caíam fulminadas nas lagas humidas, depois do golpe violento do «desnueador» enforquilhado entre as varas do bréte...

Nada! Pouco se lhe inportavam aquellas seenas dolorosas e longas. Uma lei de vida como outra qualquer... «O gado que se aguentasse», dizia, «p'ra isso era gado»!

De facto, era uma verdade a grande influencia do meio, no animo nebuloso daquelle homem. O sangue a cahir, continuamente, em jactos, em borbotões, numa deliquescencia de vida, apagando-se no perfil turgido da boiada, affastava-o aos poucos, de todas as delicadezas subteis. A sua directriz futura planeava-se ali, ao contacto daquelle scenario rubro, estendido aos seus pés, numa larga mancha de sangue coagulado.

O manejo da faca era sem emoção, quasi automatico. Mas, ás vezes, por qualquer cousa, por uma duvida qualquer, embóra ligeira, assumia proporções terriveis, recalhindo o seu furor nas victimas que rodavam na «zorra», ceyando em punhaladas certeiras o odio que brotava em momentos de intensa epilepsia. Recolhia-se depois na sua posição habitual, brandindo a «coqueiro» arqueada, ao compasso d'alguma habaneíra conhecida, com o mesmo interesse, com a mesma destreza de sempre, até vêr dias depois, os varaes todos cobrirem-se, com a carne rosada das mantas oreando ao sol.

Dessa influencia de meio, dessa lei phisiologica do homem, o altaneiro perverso formou-se, integrando-se, definitivamente, numa pagina de erueldade, diante da immolação permanente da vida...

Impossivel, depois, seria contel-o. Lá encontrariam sempre o mesmo homem, retorcendo com refinada pericia, na sangria aberta da vez, a la-

mina voluptuosa da faca. A arma assassina reluzia, coleante, como uma vibora, engolfando-se, subito, até o cabo, no órgão delicado, torcendo-se vagarosa, a escorchar, numa agitação de carícia feroz, indo ao extremo sensível do coração, retalhando-o barbaramente, até sahir, de novo, tinta de sangue quente a cahir em golfadas, com o ultimo arranco da rez estendida na «cancha», entre a acre fedentina dos residuos espalhados por toda parte... O homem desapparecia e voltava,— ensopado em sangue dos pés aos braços, como si fosse elle proprio a victima, sangrando por todo o corpo, numa demorada, hemorragia.

Tropas successivas iam das suas para as mãos de outros «carneadores» entregues á mesma lida, na mesma labuta constante, cantando, cada um, a seu modo, numa alegria cruel, toadas melancolicas de velhos menestreis crioulos que ha tanto se sepultaram no pampa, á sombra anonyma d'algun sonho de amor...

Annos de vida assim bastariam para projectar na estrada ou no balcão perigoso das vendas o mesmo homem que se agitava lá dentro, entre a «cancha» e o bréte. A' minima cousa explodía, tal qual era, no odio violento dos nevrosados, tendentes ao crime, promptos ao primeiro impulso. Lembrava isso, aquelles momentos, embora raros, em que errava a faca no coração da victima e desferia segundo golpe, — nova punhalada, desvairado pela violencia da raiva. Era positivamente máo. O meio assim o fizera. Só se retraia num cansaço de bandido, quando via, de olhos semi-cerrados, o sangue «coloriar» na ponta do «ferro». Despontava em flagrante, naquella vida, o typo anormal do delinquente, esbatido numa sombra de pavor, pelo ambiente rubro da xarqueada...

Certa vez, vasando odio, arremeçou-se contra a pionada da salga. Chamou-lhe a contas o capaz zeloso. Reagiu. Expulsaram-no da «cancha», sem trabalho. Foi-se então pelos pagos, em cor-

relias, assaltando estancias, roubando e matando á arma branca, na estrada ou na coxilha, apadrinhado pela dextreza da faca. Ora aqui, ora ali, errante, como bandoleiro perseguido, acobardou-se depois, ante as continuas *espéras* dos capangas assalariados para a vingança premeditada. Seguiram-se então dias monotonos de ocio. O seu olhar faiscante banhava-se em espasmos de sangue, envolveu-se de perduradora saudade pelas horas truculentas da «cancha», ao longe, presa ao mesmo fervor do trabalho até o fim exaustivo da safra. Impunha-se, como inalteravel necessidade, a tarefa longa da carnificina onde fruira os melhores dias da existencia brutal e incerta... Outra vida e outro meio, ao contragosto de ennuiciadas theorias, ser-lhe-hiam, como de facto o foram, uma brechia na sua predisposta tendencia de matador. O primeiro crime na estrada ficou envolvido na mysteriosa sombra dos crimes communs. O segundo, num duplo aspecto de roubo e morte, chamou, para um rancho a cair, o olhar escancellado dos inspectores do fisco e da ordem, amarrados parazitariamente nos districtos indefesos.

Surgio o criminoso, a figura ossea de Xirú Silveira. Não houve a mudar um unico aspecto... Era o mesmo homem de bombachas de riscado nacional, de chapéu sempre quebrado na nuca, na insolente attitude dos bandidos, com a larga faca enfiada numa grosseira bainha de couro crú...



... e, quando se trata de palavras, a pronuncia se altera, e a significação se muda. Por exemplo, a palavra "cão" quando se trata de um animal, significa um animal de estimação, mas quando se trata de um verbo, significa a acção de ceder ou de dar. Assim, a pronuncia e a significação das palavras se alteram, e a significação se muda. Por exemplo, a palavra "cão" quando se trata de um animal, significa um animal de estimação, mas quando se trata de um verbo, significa a acção de ceder ou de dar. Assim, a pronuncia e a significação das palavras se alteram, e a significação se muda.

... e, quando se trata de palavras, a pronuncia se altera, e a significação se muda. Por exemplo, a palavra "cão" quando se trata de um animal, significa um animal de estimação, mas quando se trata de um verbo, significa a acção de ceder ou de dar. Assim, a pronuncia e a significação das palavras se alteram, e a significação se muda.





CIVILISAÇÃO



COM o novo ramal da Viação Ferrea, cortando agora larga extensão do municipio, em demanda das novas linhas que partiam para a fronteira sulina, numa ancia de curvas e cotejos de força, o conhecido «maioral» da diligencia de Sodré para o Rosario, ali andava, na mistura das «pulperias,» vassando inercia e tristeza, sem trabalho e sem dinheiro, a merecê dôs acasos e imprevistos.

Já lia seis mezes que parára, por falta absoluta de passageiros, a sua conhecida diligencia do passo das «Moças vellias», absorvida bruscamente pela ancia ofegante das locomotivas, cruzando linha, a cada passo, em atropelos selvagens. A' sombra da ramada esgalhada e sêcca, o «break» dormia, impassível, o somno da inutilidade... Depois de tantos serviços prestados no desafoço das viagens, a caminho dos pagos, em direcção da villa e vice-versa, permanecia agora sem cobertura e sem rodas, como uma desoladora lembrança do passado ditoso, morta, enfim, pela victoria de outra condução mais moderna, debruando os prainos num rastro de fogo. De tudo o que fôra, na lida de tantos annos, apenas restava a sua armadura em farrapos, a sua madeira e corriames já podres...

Uma ascua de odio ou talvez de inveja, brilhava, no olhar tardo do «maioral», na hora em que a locomotiva passava, insolentemente, arrastando longa fila de carros, conduzindo e matando passageiros que se destinavam á villa, onde elle trez

vezes por semana ia e trez vezes por semana vinha, sempre de «break» carregado até o «pescante»

Naquelle tempo, então nunca andava de guayaca via ; não havia festa ali no passo, ou nos arredores do Rosario em que não tomasse parte com sua viola ou a gaita, nas altaneiras cruzadas do repentismo. Aos domingos, por gaúchadas e faceirice, ensilhava o «doradillo», com apeiros de prata velha, de cóla atada, e de lenço branco ruflando, de boleadeiras á garupa, de sombreiro quebrado com desdem, sahia, impavido, entonado, velhaqueando o pôtro, pela campanha, em visitas compadreseas, acariciando miragens, ao sopro forte dos ventos... Era de ver aquellas gaúchadas atrevidas, a sua audacia e certeza em sacudir as bolas, repontando bagoaes na invernada, com arrogancias e gritos.

Depois que começou a vertigem dos trens foi um abandono de tudo, um grande baque, no seu incerto ideal de grandeza futura... Apenas revia os bellos tempos perdidos, a mocidade que fugira, viagens e viagens sepultadas numa viva recordação de abandono, morrendo, com o passado, a sua profissão alegre e tumultuaria que o fazia erguer-se, na indecisão das madrugadas, para repontar a cavallhada das «postas», conduzir para os varaes do carro, receber bagagens e passageiros, partindo, em seguida, naquella insana jornada, quer de inverno ou verão, ao sol ou á chuva, ao calor ou ao frio, só descançando ás horas de sesteada, á beira do rancho dos posteiros, para depois marchar, novamente, até o ponto final da chegada, á porta do hotel da villa, ou sobre os barrancos, na frente da hospedaria do Vieira...

Foi assim no decórrer dos annos, levando a mesma existencia rude de trabalho, na nobre missão de encurtar as distancias, cantando versos nessa adormecida toada gaúcha, morosa e dolente, sahindo da garganta em ais tremulos e chorosos, como suspiros pungidos de romântico sonhador, sob

o esbater do sol, na estrada ou sob a carieia ma-eia do luar, á noite, nas postas de diligencia, indagando os passageiros donde eram e que negocios os arrastavam n'aquella vida acceidentada das viagens... O seu modo de inquerir não aborrecia, agradava. Procurava, naquellas intimidades, suavisar os viandantes abatidos pelo rodar monotono da diligencia, nas interminaveis estradas e corredores, cortando chapadas e coxilhas, com o desejo de chegar presto, ao seu destino, para voltar na manhã seguinte, ainda embrulhada de nevoa, sob o brilho esmaecido da alva...

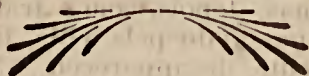
Muitos annos passaram-se naquella faina tenáz, até que, um dia, a turma dos engenheiros apon-tou com teodolythos em mira, divisando perspeti-vas, estudando o terreno, medindo e demarcando valos e bauhados, com filas enormes de peões. Lógo depois os trabalhos foram encetados, os aterros appareceram, os trilhos de ferro foram assentados sobre dormentes já podres, nas curvas longas e vergonhosas, coleantes e continuas, e o primeiro trem trafegou, espantando, matando, triturando ga-do, á beira aberta da linha...

Ao principio, ainda conduzia passageiros, ain-da apparecia algum serviço, embora escasso, de transporte; mas, depois, com o trafegar diario das locomotivas passando pela villa, tudo finalmente, desastradamente, desapareceu... Nada mais teve a fazer senão guardar o earro, vender os cavalloos que arribavam, pouco a pouco, na verde pastagem da querencia, enquanto, todos os dias, ás mesmas horas, quêr de manhã ou á tarde, os trens cru-zavam, diante do rancho, silvando, funegantes, co-mo violentas provocações ao «breack» inerte...

Era a mesma cousa todos os dias, na occasião da passagem das machinas arrastando carros cheios, atopetados, num agglomerado voraz «que nem uru-bú na carniça», como gemia o caboclo, caricaturan-do um gêsto de repulsa silenciosa, olhando o com-boio sumir-se além, nas grandes oscillações do cam-

po resequido, queimado pelas fagulhas devastadoras que fugiam aos novellos das chaminés negras, ao sol ardente.

Passou mezes e mezes numa preguiça de vadio, sem coragem para outra profissão que não fôsse aquella onde se creára, desde a serra até ali, sempre aspirando progredir, dilatar a sua actividade, numa linha completa de diligencia que partisse pelos pontos culminantes do municipio até se confundir com outras, na fronteira. Mas aquella nova rede de viação, unida agora ás outras ramificações do Estado nativo, esbroou-lhe o lindo sonho audacioso. Tinha que se conformar em vêr dormir na ramada, á sombra das timbaúbas, o seu carro inerte, destituído da morosa função de conduzir passageiros através de estradas e coxilhas adormecidas, mas sem nunca matar, sem nunca destruir, como os trens homicidas d'aquella via ferrea estrangeira que chegara até ali, num instincto de civilsção e ambição...



Divertidos

FESTEJAVA-SE, áquella hora de lusco-fusco, a inauguração de novos galpões e rainadas da venda da tia Chica.

A *pulpera* era uma velhusca paraguaya, repimpona e viúva, de quem diziam, sem resguardo, que tinha uma *panella* de dinheiro enterrada e havia pôsto a perder, com viajantes a escoteiro, a troco de patações do Imperio, as duas filhas do agregado da estancia em cujos campos morava ali nos «Banhados».

Desses *arreglos* reuniu alguma *plata* e installou, ha annos, no districto, a sua venda, sob o ruflar da bandeirola branca, erguida ao vento na ponta d'um bambú. Dia e noite enchia-se a casa de pioniada das estancias proximas e de viandantes que ali estacionavam, horas a fio, matando o *bicho*, contando historias de carreiras, de rinhãs e peleias, misturadas com episodios romanticos de amor e lances heroicos da revolução de 93. Muitas vezes se travavam lá dentro, discussões violentas, terminando, quasi sempre, por «cruzas de ferro» e aggressões a facão.

De quando em quando, principalmente aos sabbados, um baile. A venda tomava, então, outro aspecto, outra animação, outro proscenio ruidoso. Afluíam conhecidos e compadres de todos os recantos do districto.

A'quella tarde, o fandango ia tomar um character de grande *fiesta*, com a presença do chinaredo visinho, *muchachas* experimentadas nos *balaíos* do sul, nos *rasgados* e requiebrós dos *volteios* aplirodisiacos, de que Chica era perita, apesar de velha. Aos presentes não faltariam assados com couro, bebidas, doces e outras iguarias preparadas de vespera, numa agitação por todas as dependências da casa. Chegavam aos grupos, de todos os lados, a cavallo ou a pé, e, á maneira que paravam na frente, entre as mangueiras e ramadas iam apeiando-se, soltando *cáallos*, recolhendo arreios, sob as atenções de Chica, a correr de um lado para outro, dando ordens, determinando serviço, enquanto alguns pares enlaçados, esperavam os primeiros compassos musicaes da viola ou da gaita.

— Vão-se achegando no mais, moçada guápa! Nada de cerimoniais!...

E todos alegres entravam, um a um, para a larga varanda nos fundos da venda, dubiamente illuminada por um sujo lampeão «belga».

Jóca, um dos convivas, ao avistar o companheiro que esperava, bradou, jócundo, á porta:

— Cuê-pucha! Apeie-se e largue o fléte, que o fandango está acceso que nem fogo nas macé-gas... Vancê, pelos módos, ia perdendo o festo!...

— Que culpasse o caállo. Estava maceta de duas patas. Um estrupício!...

Boleou-se lógico o Zeferino, cabloco novo e baixo que ha tempos estivera envolvido em um entreveiro com os inspectores do quartefrão, sahindo ineolome. Desd'isso começaram a respeitá-lo como «valiente». Era tido como trabuzana para uns, enquanto outros o chamavam de «sotrêta». De facto, Zeferino tinha, á beira do mostrador da venda, um extenso cadastro de «peleias» e altanerias violentas. Tia Chica olhava-o submissa, com verdadeiro respeito e temôr, não o recusando nunca nos bailados, embóra soubésse da disposição que elle tinha para armar «tempestades» e acabar com os



— «prazeres das brincadeiras» — como sempre dizia ella para os de casa. Elle proprio se tinha na conta de «xirú quebra no férro» e atirava, de quando em quando, facecias de alarde, em quadrinhas anonymas:

Eu sou um quebra largado,
— Por Deus e um patacão!
E se duvidam perguntem
A' moçada do rincão!

— Ahi caboclo! Não afloxa o garrão!...

Ser monarcha da coxilha,
Foi sempre o meu galardão;
E quando alguém me duvida
Descasco logo o facão!

(Risos, cochichos, dichotes e chufas).

Aquillo é só compadrada — disse Manduca, com desprezo, arrancando as primeiras notas da gaita.

O baile lá dentro reanimava-se, pouco a pouco. Estrugia na nova varanda de páo-a-pique, a gargalhada feliz dos convivás. Formavam todos uma mescla compacta de brancos, caboclos e chinas, enlaçados na violencia lasciva das havaneiras e polkas, em saracótes déstros e léves, com requiebrós de rins, balanço oscilante de quadris, ao arrastar monotonos das *chilenas* marcando compasso. Na ramada contigua a gaita gemia dolenciosos acordes nas mãos de Manduca, enquanto Chico Viola, exaustos, estirados de bruço, descansava, no verdeio da grama, sob os remóques fanfarronicos da moçada.

— Ora chô mico! Este flaco não qué vê...

Arriô mesmo a mochila, que nem petição abombado!...

Outros ditos pilhericos choviam sobre o velho guásca, dormindo, profundamente, sob a caricia esmaecida do plenilunio. A noite se extendia num cicio brando de aragem, numa maciez tepida de velludo, envolvendo o pampa, os aclives e de-

elives das coxilhas, em largo abraço silencioso, quebrado de quando em quando pelo despertar dos «quero-queros», annunciando o viandante que se aproximava, ao tranco, melodiando para si na doleência da noite, alguma toada crioula, aprendida, decerto, na aurea infancia longinqua, á sombra nostalgica do rancho... Nada mais na solidão, no erno sagrado do campo adormecido. Apenas lá dentro da venda, em todas as suas dependências, continuava o mesmo ruido, misturado ao zoar da gaita rofenha, distribuindo cadencia aos pares agitados. Chinóças, de risos á flôr dos labios, avançavam nos «guáseas québras», aos abraços e pulos, agoniadas pelos primeiros vapores eroticos das bebidas. Succediam-se, animadas, as contradanças. Rodopios, sapateios, agachadas felinas, ora breves, ora demoradas, mas sempre na cadencia da musica amorosa, todos, a um tempo só, entreteorando aís e suspiros, perdiam-se, voavam, no largo varandão da *pulperia*, na langue effervescencia dos bailados. Homens, uns em mangas de camisa, outros de ponchos atirados para as costas, de sombreiros de aba larga enterrados na cabeça, outros ainda de largos tiradores de couro de lontra, ao ruflar constante dos lenços *colorados*, em plena liberdade, como se estivessem em seus ranchos ou nos galpões das fazendas, iam e vinham, ageis ou coleantes, em procura do par perdido propositalmente, no meio da casa envolta em densa poeira. Variavam tambem as mulheres, de uma a outra, no *arreglo* dos trajos. Fitas de mil côres, côres vivas e berrantes, pendiam em grandes tópes das blusas de cassa, das gandólas de «germania» de 320, deixando vêr nas crespas cabelleiras negras, amarradas em cóques, com franjas na testa, galhos espetados de arrúda, alerim e mangericão miúdo. Os acordes da musica evaporavam-se na alegria da noite clara. Poucos intervallos tinha de descanso a acordeona de Manduca; o fôle arfava com desespero, em largo folego de váe-vem, abrangendo toda



a intensidade das escalas, num crescendo brusco, contínuo, sem surdinas nem esmorecimentos, enquanto as *oitavas* e as *decimas* borboleteavam á flor da bocca dos trovadores, em toadas, ora sentimentaes, melodiando o desprezo das *tyrannas*, ora alegres e entusiasticas, gemendo audacias e valentias dos obscuros gaúchos d'antanho, velhos patriotas heroicos implantando, á pata de cavallo, no verdor accidentado do terreno, a conquista ardente da liberdade... Era uma poesia que surgia, sempre nova, crystalina e vibrante, entre sonhos cavalleiros-cos de uma idade de ouro, lyricamente sentimental, cujo cabedal intrinseco vaç se transmittindo e passando ás gerações que despontam, guardando a mesma tradição de amor e de bravura. A rapsodia gauchiesca encerra toda a historia aventureira da raça. Nella se encontra a formação dessa alma sempre prompta a nobres desprendimentos que descambam por vezes até ao sacrificio da propria vida instavel, voluvel, audaciosa, do homem palmilhando o sólo nativo, alegre e bellicoso, como um cavalleiro das Cruzadas, á mercê dos imprevistos que surjem a cada passo, na campauha incerta.

Ao lado da ramada, dois piassinhos attentos, assavam, nas valetas, outra novilha gorda, carneada, momento antes, para regalo dos novos convivas que chegavam. Corriam de mão em mão, as cujas de cabeça de porongo, com o delicioso «amargo» de herva nova. De vez, para variar a «canguára», lá vinha para as «morochas» altaneiras, uma garrafa de licôr de pecego. Surgiam torneios de phrases ambiguas, nesse calão que não pertence á simplicidade patriarchal das estancias, mas que é o reflexo de elementos extranhos, toldando a fêmea no seu intimo de singeleza natural.

Despachadas, arrogantes, diante d'ellas nenhum *mãula* ficava sem resposta. — Que se aguentassem; era toma lá e da cá — diziam. Só temiam o Zeferrino, que não era de «séca». Mercê de suas ama-

bilidades, refugavam, desconfiadas, o carinho do cabloco. Affastavam-se, fugiam; atiravam-no ao desprezo, producto mais do temor, que da repulsa.

No campo, a claridade do luar destacava nas macéguas de «maria-mól», vultos a se rebolcarem acossados pelo cio, pela rebeldia em fogo da carne. Sabiam aos pares, uns para frente, outros para os fundos da venda, pretestando causaço... Voltavam depois e o baile proseguia na mesma animação de começo, com igual alegria e ruído.

Zeferino, lá dentro, acororado a um canto, fumando um crioulo, não perdia «vasa» para disparar motejos. Jóca acompanhava-o no mesmo palavreado chispante contra o mulherio que de sobejo conhecia a força atrevida daquelles «sem-modos» que só serviam para estragar as «brincadeiras»...

— Oigalê, eguada linda!... chasqueava o Jóca, contemplando, perversamente, o requebro das «morenas» apinhadas pelos cantos «que nem carrapato no gado».

— Chê: bombeia a cara daquella potranca baia passarinheira, — atirou Zeferino. Inté parece estraviada da manada...

— Veja, no mais o tróte desta outra bichinha que ahí vem se bombiando... Que tal le paréce?

— Mui miehe, — respondeu o outro.

Os companheiros, sentados, riam-se do phrasear desaforado dos dois.

— Tem espirito esse cuéra!

— E esta que ahí vem com uns módos de potranca rabona!...

A rapariguinha, offendida, voltou-se rispida:

— Que sêje, seu cara de terneiro mamão...

— Havemos de vê... saiba no mais que chinoquinhas flacas, sem caracú, não formam em festas!

— O que não fórma é gurupy sem topéte — adiantou, prompta, Antonia Gorda.

Zeferino não gostou. Resmungou para sí, entre dentes, — «que por uma daquellas e outras lo marcaria napaleta».

Os pares cruzavam-se em entreveiros cerrados, entre gritos delirantes, entusiasticos, procurando cada um, de per si, marcar o compasso a seu modo, com a palma das mãos, com a dura paneada das bótas no chão sêcco. Era a mesma luta, o mesmo «avança» até o final de cada marea. Ninguém cansava naquella faina doudejante de homens e mulheres, jungidos pela cintura, tranfigurados pelo excesso.

Chica, entusiasmada, não se continha:

— Ah! moçada! Ansim me gusta... Nada de cerimoniaes neste rancho!...

Depois de um *Schottisch-lasqueado*, alguns peões da fronteira resolveram cahir no airoso *pericon*, aprendido nos dias alegres de Corrientes. Chico Viola, já estava de pé, de instrumento em punho, dedilhando «recuerdos» de seu tempo «quebra» de moço, quando «ninguem lhe pisava no poncho».

— Tempos lindos moçada! Havéra de vê... Nunca eneontrei tonante que me quebrasse!... Agora não; sou um flaco; matungo pestiado; inté dá pena!...

E nos seus olhos fundos, num clarão de fogo, brilhou a saudade do tempo decorrido, a saudade melancolica do passado de que uma velhice de setenta annos, podia attestar naquella veneranda figura de veterano do Paraguay, caldeada ao fogo das guerrilhas.

Desde a primeira mocidade, empenhado no perigo da guerra, aprendera arrancar das cordas da viola e da garganta viril de patriota, aladas nostalgias da Patria distante, de quem voluntariamente se apartára, embóra amordaçado pela idéa sinistra de nunca mais tornar a vê-la na grandeza verdejante de suas campanhas sem término... Foi, e voltou!

Erá ainda o mesmo gaúcho desprendido, o mesmo Chico Viola, sempre rogado com sympathia, para todos os fandangos e divertimentos dos pagos.

Os pares agitavam-se em tumulto. Iam agora dansar ao ar livre, no gramado verde, á frente da venda. De quando em vez, entre elles, cortando a cadencia das passadas, apparecia tia Chica, pedindo «permicio», offerecendo um amargo ou um trago de cana de *legitima* como ella affirmava, garantindo a especialidade do artigo.

Zeferino, repellido pela Josepha do «Posto», andava pelos cantos, a fallar em valentias, e «que não aguentava carona dura». Contentava-se em atirar dichotes. Principalmente ás que o recusavam. Negaciava o momento opportuno e vingava-se com improperios ferinos. Conheciam-lhe as *manhas* e izolavam-no «sem mais séca».

Depois de horas inteiras a tentar, uma a uma, sem resultado, voltou-se para a Antonia Gorda, decisivo:

— Que visse bem... A manada estava refugando pastor, mas ella era sua, havéra de vê...

Antonia recusou-se sem delongas:

— Que ultimamente não podia; que elle se conhecesse primeiro; que se encheriasse; que não fosse offricido...

Aquillo era uma insolencia frente a frente. Zeferino não se conteve: jugulou-a pelo braço, num impeto de raiva, trazendo-a á frente de Jóca.

— Olha bem, resmungou, colérico. Nunca fui xirú de tricas; que pensava uma china reína, que dormia com os bahianos na cidade... Se duvidasse, o rabo de tatú estava alli mesmo, p'ra uma vacca sem marca, d'aquellas qualidades! Era homem, visse bem, e não se mettesse e não se passasse!... Um refugo! Um traste destes...

Ella, num esforço violento, desprendeuse das mãos possantes do caboclo e, instinctivamente, os olhos a saltarem-lhe das orbitas sombrias, virou a mão fechada na cara de Zeferino, numa expressão de pudor offendido que nasceu ali mesmo, brusco, vibrante, tempestuoso. Elle não reagiu. Não teve gesto; olhou-a murcha, sob esse disfarce de certas

reações que não vão além dum sorriso «amarello», dizendo «que estava caçoando, que aquillo era um brincado...»

As outras companheiras e que delle tambem eram victimas, applaudiam, estrepitosas, a audacia da Antonia.

— Era isso mesmo que elle andava querendo, comadre Nica... Foi bem feito!

Antonia deu as costas, desdenhosa:

— Commigo é ansim no mais... Não sou brincado de bagual... Quebrei o corincho desse maú-la!...

*

Ainda no outro dia, lá estavam os pares alegres, nos mesmos requebros, na vertiginosidade das contradansas, nos sapateios cadenciosos dos *pericons*, illuminados e transfigurados pelos primeiros raios do grande sol pampeano, devassando, pouco a pouco, a immensidade diaphana do céu azul.

E no meio daquelle quadro tumultuario, irrompendo á luz, destaeava-se, com a sua inearquilhada velhiee, sobraçando a viola, a figura barbara de Chico, o veterano da sangrenta campanha paraguaya.



MEMORIA...

ERECTA e firme, de braços abertos, erguida no pampa, na planura deserta dos escampados, aquella cruz de páu toseo ha muitos annos assinalava ali a existencia silenciosa de um tumulo.

Permanecêra fiel e hirta, sempre emocionante e negra, na sua magestade sem pompa, mostrando aos olhos dos tropeiros indifferentes, aos viandantes em marcha, o seu symbolo de luto e de dôr. A sua historia breve e tragica começára numa tarde de neblina, esfumada pelas explosões das garnehas.

Era então na revolução de 93. Quando a luta accesa das escaramuças campeára pelas quebradas e prainos do verdoengo deserto da terra natal; quando a faina brava dos entreveiros re-erndescia de furor nas allucinações da vietoria; quando o sangue fraterno manchou, á pata de cavallo, a grandeza generosa do torrão altivo; quando, enfim, a alma cavalheiresca dos gaúchos elevára-se, ardente, no fogo da peleja transfigurada por ideaes de conquista e liberdade, desd'esse dia, então, de triste memoria fatidica, a cruz se ergueu como uma préce e lá ficou com toda aquella triste serenidade religiosa, assignalando o tumulo anonymo e sósinho dum grupo de bravos que calira vencido e mutilado pelo fragor das lanças, sobre a immensidade do pampa...

Ali esteve ella como uma memoria e um preito de saudade. Pela sua frente a vida nunca cessou, o trabalho das estancias nunca esmoreceu. Passaram auroras e occasos, velhos campeiros queimados pelas soalheiras adustas, viajantes marchando para os «postos» de diligencia, carretas gemendo sob o peso das cargas, *tyrannas* morenas e lindas, trauteando quadras de amor, cousas enternecidas da alma longinqua dos trovadores crioulos, e ella, a velha cruz sem nome, sempre de pé, de braços abertos para um amplexo paterno, lá estava, perfilada como uma sentinella, negra e só, na vastidão glauca da campina, fazendo-se venerada pelos gados que passavam repontados aos priscos, para os rodeios, para as querencias distantes, até o farto engorde da primavera, d'onde depois certo saliriam, a mugir, para as xarqueadas assassinas...

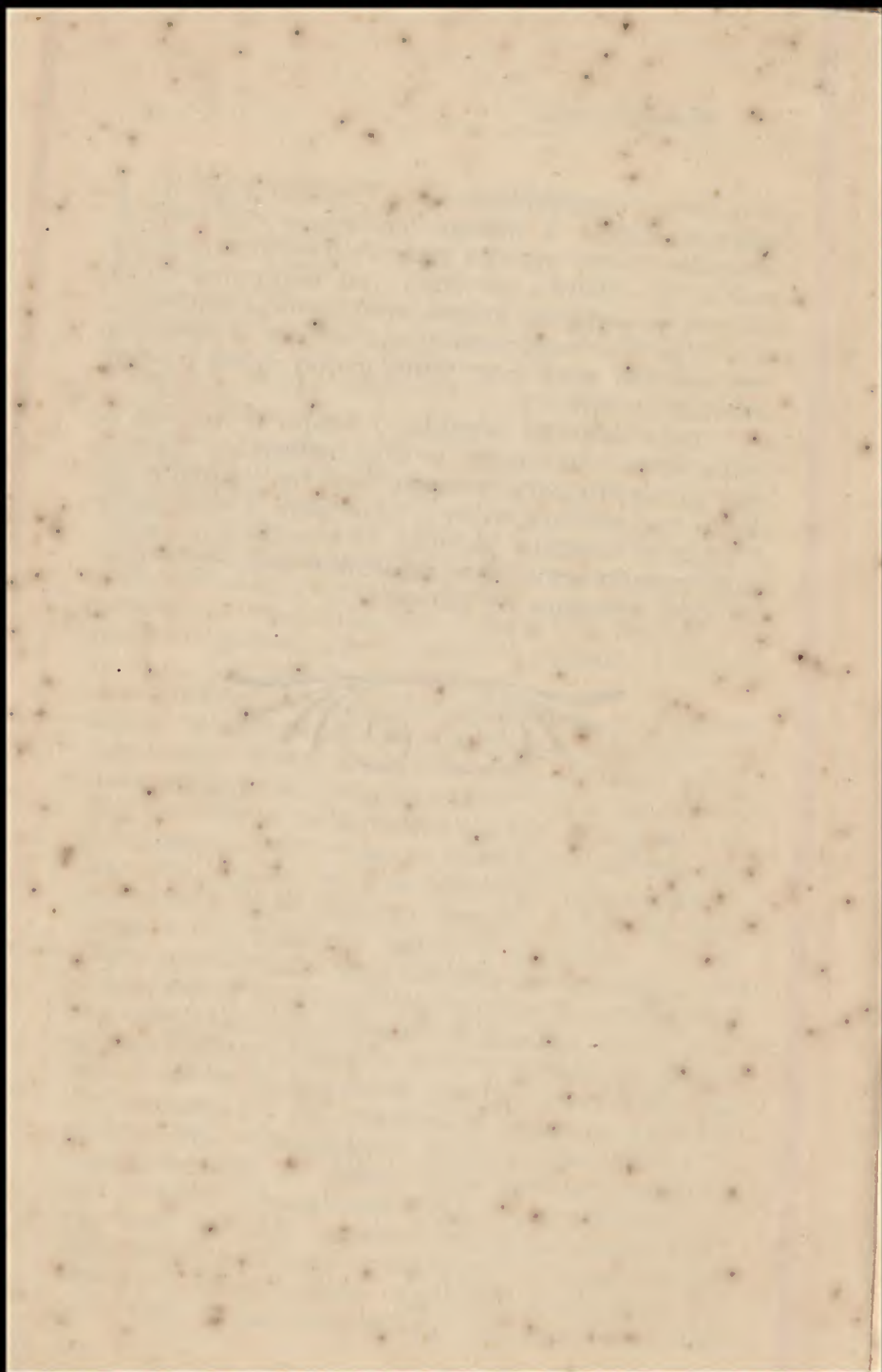
Quantos mortos ella resguardava? Quantas vidas apagadas sob a sua imagem protectora e bemfazeja? Eram muitas decerto... Unidos todos, fraternisados no aniquilamento, restos de cadaveres, com brancas carcassas á luz, *maragatos e republicanos*, ali estavam, ali dormiam resguardados por ella. Todos os que passavam descobriam-se, reverentes, ante aquella tumba á flôr da terra virgem, na desolada planura silenciosa. Se víssemos descuidados, nos afazeres do trabalho, com a lembrança dos negocios, sobresaltavam-se logo, recordativamente, evocando a imagem de um amigo, de um companheiro, de uma pessoa de affecto que tamdem fizéa parte das innumeras victimas do heroismo ou da emboscada, apanhadas em flagrante, nos retesamentos da luta, pela colera inflammada das carabinas, pela lamina scintilante das adagas degoladoras. Uma contemplação suave, uma saudade imperecivel na expressão clara dum olhar, e, de novo, seguiam, cortando atalhos sinuócos, despontando caminhos, quebrando rincões. Outros mais passavam, outros mais ali esta-

cionavam, destribuindo-se o mesmo respeito, a mesma magoa, a mesma lembrança dolorida. E annos a dentro aquella cruz veio se mostrando a todos os olhares, ao rigor dos minuanos e das chuvas, sempre na mesma contingencia funérea...

Um dia desappareceu, e, com ella, a memoria dos mortos que por tanto tempo velou no seu silencio tocante.

Pelos homens erguida, o tempo te venceu, ó velha cruz sem nome e sem historia! E agora, que perdeste, para sempre, esse teu symbolo tallado em madeira tosca e feito para a veneração e para a saudade, já nem os tropeiros te recórdam, tumulo ermo, sem esplendor, sem alma, sem legenda, apagado no pampa!...





A Victima

REALIZAVAM-SE, naquelle domingo, no «Passo da Divisa», varias carreiras de desafio.

Entre essas, uma chamava a attenção do visindario da estancia dos «Coqueiros». Era a do «Zaino», de propriedade do Janjo Silva, dono da estancia, com o cavallo «Requeimado», de Nico Justino, tambem estancieiro dos pagos.

Já no alvorear da manhã, ás primeiras horas do dia, despontando em filigranas d'oiro, na maciez vellutinea do céu amplamente aberto, começavam a bater estrada carretas e carretilhas, conduzindo familias e quitandas para aquellas carreiras commentadas e discutidas, com calor, pelos interessados e curiosos do rincão da «Divisa». E até ás tres horas da tarde, grupos alegres de cavalleirianos, em california, a galópe, pela larga estrada reudada de grama verde, passavam, chasqueando, fallando da parada *macota*, da guapa esperteza do «Zaino», do apparente *flaco* do «Requeimado» que, segundo diziam, — «não dava nem p'ra sahida». Assim seguiam grupos interessados, atirando ditos pilhericos, enfiadas de phrases sem fél, aos dois «pingos» mestiços, que se iam encontrar, pela primeira vez na canchia do «Generoso». Eram elles da «Divisa», pionada moça das estancias visinlias, quasi todos *sympathicos* ao «Zaino», e por isso faziam jogos, pequenas paradas, salarios dum mez, contra todos os que *pegavam* no potrilho do Justino.

Lá adiante, a cancha surgia, na varzea sêcca, numa recta de doze quadras de ponta á ponta no corredor aramado. Por todos os lados, sitiado o laço de partida e de chegada apinhava-se gente, na maioria, de cavallos aperados, vestindo largas bombachas campeiras, de lenços brancos e *colorados*, ruflando como bandeiras hasteadas ao sopro do vento norte. Na frente, carretas innumeras alinhavam-se, como fios simetricos de ranchos de soldadesca em torno de quarteis. Pelas ramadas, ainda com folhas verdes, erguidas de vespera, velhos e moços, mulheres e crianças, misturavam-se, numa ruidosa alegria de festa, uns bebendo, outros trovando, em desafios, outros mais gemendo gaitas, dedilhando violas pelos cantos, á espera da hora daquella carreira *atrevida*.

Os «bolichos» atopetavam-se. O «trago» andava de mão, em mão, em deferencias amistosas. Momentos depois apontava no alto da coxilha a comitiva do Jango Silva, composta da familia, do «compositor» e dos peões. O «Zaino» vinha a cabresto, coberto com larga capa de riscado novo, onde se destacava, bordado á linha encarnada, o nome de guerra do parrelheiro. A' chegada do cavallo acercaram-se os jogadores, contra a vontade do «jochey». O animal era realmente de uma linda estampa; faceiro, luzidio, de pello fino e limpo, de formas delgadas, linhas abraçadas em curvas, arqueando-lhe as ancas e o pescoço longo, numa correccção geometrica, impecavel. Demasiado agil, demasiado esperto, a sua presença, sempre de cabeça levantada, dominava o adversario que ia enfrentar no fragor das quatro patas. Já tinha corrido varias vezes em desafio, vencendo sempre, e aquella, decerto, seria mais uma victoria nas canchas da querencia.

Jango Silva, transbordando de orgulho, dizia convencidamente em palestra:

— Com o mesmo saugue e a mesma idade, não respeito caállo nas redondezas da «Divisa!»



— Olhe, seu Jango — intervinha a sua mulher — d. Maruca, não é bom se fiá... Um dia elle afroxaxa o garrão...

— Que afroxassê c'os diabo! Queria vê primeiro. Aquillo até nem era carreira... Inda tinha mais trinta libras p'ra jogo, e dava luz no primeiro laço. Que appareça no mais algum tonante?...

Justino, achegando-se ao grupo, apárou, o desafio:

— E' commigo, compadre Jango... Eu tam-bem tenho muita esperança no meu matungo choégua... Que diabo! Isso uão dá ainda p'ra gente corcoviá!...

— Havemos de vê, dizia Jango, exaltando-se. Si esta carreira não fôr do «Zaino» em todo laço, le juro, pelo meu nome, que acabo aqui no mais com a casca do caállo, com o chumbo desta bicha...

E mostrou para o outro a pistóla que trazia preza á cinta da larga bombacha campeira. O Justino, arredando-se, murmurou:

— Ora não diga coisas, compadre. Deixe o caállo quieto; perdeu, perdeu, ganhou, ganhou. Não bula com promessas...

— E' p'ra vancê, vê. Elle que lo perca e verá como o faço testavilhar aqui mesmo...

Afastaram-se. A parada já andava em seis contos e ainda se fazia jogo por fóra, o que apparecesse: dinheiro por dinheiro, vacca por vacca, boi por boi. Era o que viesse. Acecitavam tudo, os contendores enthusiasmados; cada um tinha plena certeza da victoria do seu cavallo.

— Dez mil réis, contra cinco, no cavallo «Zaino», gritou um pião dos «Coqueiros.» compassadamente.

— Tópo, respondeu outro.

— Tem cincoenta mil réis o parrelheiro. «Requeimado», declamou o capataz do Justino.

— E' banca, retrucou Silvano.

Casaram logo a parada na mão de um terceiro. E o mesmo zum-zum, o mesmo movimento e os mesmos gritos, ora em falsete, ora fanhosos, ora entonados e vibrantes perdiam-se, no ar fino da tarde, na confusão tumultuosa d'aquella cancha, alinhada como uma grande vibora, na varzea verde. Faziam paradas de todo o geito, a favor do cavallo «Zaino». Si elle perdesse grande seria o abalo nas guayacas dos que aventuravam com desassombro, convencidos da derrota que ia sofrer o *pingo* contrario. Um peão da estancia fallava altivo com certo rompante ironico:

— E' ganha na certa... Inté nem é jogo...

— Ta bom; não se fie muito, primo Zéca... Olhe que o outro *pingo* não é tão máula como vancê pensa...

— Qual se fiá, qual nada! Ganha o «Zaino» de rebenquito erguido! Espere um tento e o primo vae vê...

— Ta bom, vá se fiando...

*

Para o «partidor» acabavam de entrar os dois altivos animaes, depois de serem enfrenados pelo juiz que ia julgar a carreira. Eram quatro horas da tarde e o domingo morria numa lassa preguiça cariciosa de primavera, deslunibrante em luz, illuminando os campos e o vasio soturno das coxilhas. A um signal do juiz de partida, os cavallos entraram em forma. Um negaciando o outro, começaram, assim, ambos em priscos ligeiros, assentadas bruscas, outras demoradas, cabeças erguidas com altivez, a se olharem de esguella, resfolegando com violencia, sob o governo e os sofrenações das rédeas leves. Um quarto de hora decorreu sem resultado. Novamente em forma, até que se emparelharam. O juiz aproveitando a boa occasião deu o grito de «larga!». Foi um aranco immediato, brusco, vertiginoso e os dois ca-

vallos partiram, roçando orelhas, ao esfuziar dos rebenques, sentindo cada um com mais ancia, com mais vigor, as rozetas das esporas ferirem as barrigueiras delgadas. A corrida era vertiginosa, anteendo-se a seriedade da disputa.

Uma nuvem de pó emovella-se, densamente no caminho percorrido. Passaram o primeiro laço juntos, orelhando-se, sem diferença de um dêdo. Depois «Requeimado» entrou na frente, de cabeça, até o segundo laço e dali em diante começou a tirar distancia até o ponto final, nas quatro quadras. Jango Silva e Niço Justino esperavam o resultado na chegada, quando o juiz de sentença espalhou arrastadamente, com emphase, o resultado da carreira:

— Caállo «Requeimado», na ponta!... Ganhou o caállo «Requeimado», de paleta e meia!

O éco repercutiu ao longe, nas quebradas. A surpresa do resultado envolveu de tristeza centenaes de jogadores, que contavam *na certa* com a victoria do «Zaino». O parrelheiro de Nico Justino ganhára devéras nos dois laços finaes. Foi um desapontamento geral. E o estancieiro victorioso sorriu, com desdem, para o adversario abatido:

— Então, não le dizia, compadre Jango?...

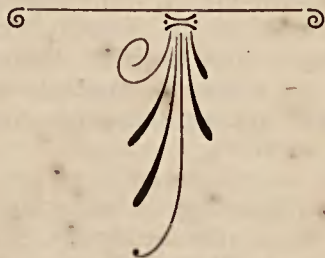
O velho estancieiro encarou o seu contendor numa expressão de profunda magoa. Olhando o esbelto parrelheiro que lhe trahira, que lhe mentira, diante de tanto povo, de tanta esperança, de tanta certeza, lembrando-se ainda da jura que fizera, invocando o seu nome e sua palavra lhana e leal, de tempera inamolgavel, jámais desmentida, respondeu, eivado de dôr e de remorso, diante do sacrificio a cumprir:

— Aqui está a resposta, compadre...

E arrancando da velha pistola que ha tantos annos dormia, em socego, no seu coldre, desfechou, os dois canos, contra o «Zaino» que arfava ainda pela violencia audaz da refréga.

— Palavra é Palavra...

O animal ergueu as patas em pinótes desesperados num relincho feroz. De bocca a espumar, narinas dilatadas, com os olhos em chamma, a saltarem das grandes orbitas viscosas, estremeceu o corpo luzidio, humido de suor, num estertor de agonia, cahindo por terra vencido, tinto de sangue...



NA ESTANCIA

UMA «marcação» é sempre uma ruidosa e alvareira novidade para a vida afanosa da estância. Não ha festa que tão fielmente caracterise a alliança do individuo com o sólo e com os elementos que o estreitam num grande amplexo de solidariedade. E' um facto digno de nota esse. O gaúcho tem nesses dias que decórrerem céleres, o mesmo que o homem da cidade têm no Carnaval: a maior somma de actividade e liberdade, dentro da maior somma de alegria, proporcionada por mil e um factos e peripecias nesse trabalho annual de todas as estancias. Desata-se a sua alma da clausúra em que se encerrou durante um anno de lutas impetuosas no dorso do companheiro inseparavel. Vibra intensamente; intensamente se expande. Perde aquelle ligeiro lustro adquirido em algumas horas de convivencia, na cidade. Torna-se o campeiro de outr'ora, de pôsse dos mesmos habitos, dos mesmos costumes perduradores. E' o gaúcho tal qual o foram os lembrados avoengos rudes; o mesmo typo desprendido e nobre, activo e audacioso. São do seu espirito um lampejo de requintada doçura; vem á tona um *humour* exquisito; ri e brinca; não desconfia. Desapparecem as difficuldades; tudo se lhe torna facilimo, e a sua desempenada armadura de Centauro reintegra-se no lombo do cavallo.

Ha um delirio de festa no succeder das horas, desde o alvor das madrugadas, até a agonia lassa

do poente. As coxilhas são batidas de canto a canto, em galopadas desenfreadas pelo capataz e ponteiros, percorrendo querências onde as criações estacionam, mezes e mezes, longe do embretamento das mangueiras.

As marcações duram sempre de trez para quatro dias. Durante esse ligeiro tempo, a velha estância como que resurge do seu passado de grandeza e de domínio. Lá dentro, a família inteira se desdobra em ocupações de toda ordem. Lá fóra, nos galpões, corre um susurro de íntima jovialidade. E' a peonada composta de moços e velhos se distribuindo a cavallo e a pé, de boleadeiras na mão, de laços armados, prompta a percorrer o campo, «bombiando» as invernadas de gado, tirando terneiros dos atoleiros das restingas.

Formam-se, então, entre elles, diversões tradicionais. Jogam pealos a cigarros, a tragos de *canguá* e levam, em cada *tiro*, a certeza da parada ganha. Déxtros laçadores rebuscam-se assim «da obrigação dos vícios», sem uma só vez falhar a armadilha do laço. Quando o não acertam na parte determinada previamente, reboam, em pilherias, as vaías inoffensivas, enquanto lá um que outro *manga* com as *rodilhas* mal armadas.

Outros exigem com desdem:

— Pealos de eucharra não se aguenta. Tem que sê de todo laço.

— Este ainda não presta, ermão... é pealo de sobre lombo.

De novo, então, o laço esfuzia nas mãos posantes do pealador e, lá adiante, o terneiro a correr cáe, preso pelas patas.

— Ansim me venha, parecro.

E em outras mil proesas começa, desse modo, o intenso periodo das marcações. O gado todo estaciona nos mangueirões de pedra, á sombra dos umbús e cinamomos. Dahi para o transeccural sãem presos, um a um, os *orelhanos* a serem marcados.



Permanece ainda em quasi todas as estancias o mesmo costume antigo. Forma-se todo o pessoal, inclusive os visinhos e agregados que vão tambem prestar seus *ajutorios*. O capataz escolhe quatro lachadores, e, para cada um, dois «apertadores» ageis. Junto ao tronco é conduzida então a terneirada que vaê reeeber no couro novo a inicial do nome do estancieiro. A's vezes, com difficuldade, a cria é derrubada. Um dito qualquer desaponta o *terno* que trabalha para subjugal-a:

— Que flaeos!... Andam mesmo que zorros pendurados na cola dos terneiros...

Um outro arreméda:

— Quá-quá!...

E' o guaraxaym, o *zorro*. Para elles é o symbolo da fraqueza, da cobardia, e quando o campeiro se enquadra nessa comparação humillante, por qualquer um acto que denóta timidez, os outros o sitiam em chufas deprimentes, em risos escarninhos, ao borboletear de satyras e phrases ambiguas.

De cuia na mão, chupando o *amargo*, o estancieiro intervêm, ante a morosidade do serviço :

— Que andassem, c'os diabo! Que não fossem lérdos, estavam maçando o animal...

Depois do terneiro estendido no chão, a marca em braza assenta sobre o *quarto* direito, queimando pêllo e couro. Um cleiro de carne tostada recende no ar, estimulando o appetite para o churasco do meio dia.

Mareado assim o terneiro, reeebe elle na oreilha, com ligeiro corte de faca, um outro signal imperecivel. E' o registo, a confirmação, a garantia do primeiro. Alguns fazendeiros uzam marear a rez na palêta. São raros. O que permanece em voga é o costume primitivo, de uzo quasi geral nas estancias centenarias. E nesses dias então recrudesce em todas as mangueiras, a mesma actividade, o mesmo afan de manhã á tarde.

Por todos os lados os apertadores gritam:

— Chega a marca, marqueiro!... — Ao que este logo responde:

— Aperta manheiro...

E assim, successivamente, cem, duzentas, trezentas cabeças de crias novas, soffrem a mesma operação, em fins de Agosto a principios de Setembro, quando a safra é optima e a produção abundante.

Com o mesmo enthusiasmo seguem-se depois a domação de potros, a tosa da eguada, a marcação de potrilhos e de gado chucro, a *péga* de baguaes *venenosos*, a capação de touros, tudo isso sob uma agitação borborinhante, multiplicando-se todos em energia, actividade e audacia.

*

Emendam-se dessa maneira os dias, apenas com intervallo das noites em que o capataz, peões e visinhos reúnem-se, no largo galpão aberto, ao lado da estancia, acocorados á beira do fogo.

Corre de mão em mão o saboroso *amargo*, desopilando cada qual com o lado ridiculo dalgum facto do dia. E contam-se aventuras e arriseadas — audacias eavalheirescas da alma campeзина, profundamente sentimental e heroica.

Outros arranjam torneios, provocações para carreiras e pealos, a par de ditos picantes, de *empulhações* atrevidas, facecias e mordacidades dos mais espertos sobre os menos eautos. Os reconhecidamente dispostos e *quebras* armam-se de viola ou de gaita, improvisando fandangos, *largados* e *desafios* de onde são sonóra, rica, inextinguivel, a fluente poesia de repentismo, — arma formidavel com que costumam fulminar a fama do adversario trovador. Muitas vezes se vão noite a dentro, inconciliaveis, sem submissão, promptos nas respostas em rimas, apanhando cada um o ultimo verso da quadra improvisada. E' uma luta tremenda. Após a derrota de um dos contendores, o vencedor estribilha desdenhoso:

— Levou buçal de couro fresco... Não se mettesse, moço...

*

Em tons de ouro surgem as primeiras barras do dia. Termina ali o ultimo somno reparador. Toca todos, de novo, a despertar, a enfrenar cavallos para o mesmo serviço do campo. Já com o pé no estribo, chupam o elimarrão na cuia de porongo sêcco, até á hora em que a luta resurge na impetuosa manifestação dos assobios e gritos, por todo o escampo embrulhado na névoa indecisa das madrugadas, nas neblinas das manhãs hybernaes. Nas mangueiras, a terneirada berra na ausencia do ubere materno. Potros e redomões se agitam, insofregos, de largas narinas abertas. Um pastor em relinchos, se precipita, indomavel, sobre a eguada subjugada logo pelo porte viril do macho audacioso.

Escorre de tudo a seiva perpetua da vida, palpitando nos espasmos violentos dos animaes pompeando, rasgando-se immensa, em todos os recantos do estabelecimento pastoril que, no alto do campo, empolga o imprevisto dos longos horizontes. E assim até o morrer da tarde, a estancia fremente na época intensa das marcações em que as crias novas do gado recebem, no *quarto*, «no lado de laçar», a cicatriz hieroglyphica da posse e do dominio. São elementos novos, são novas existencias errantes que passam a ser futuras fontes de riqueza nas vastas sesmarias verdecentes, abrindo-se, amplas á seiva fecunda de primaveras eternas.



3494





SAUDADE



PELA manhã, ao dealbar incerto do dia, os tropeiros abandonavam o pouso, entre aquellas ruínas esquecidas na planura immensa, carcomidas pelo eterno avanço do tempo. De laços presos á cincha, ponchos resguardando o corpo, novamente seguiam para os pagos, para a labuta das tropas, de volta das xarqueadas do municipio. Pernoitaram alli em intima camaradagem, gastando na fanfarronice das *séas*, o resto da cevadura de *caúna* que traziam pará o descanso, na viagem. A tróte largo, ao compasso de trovas dichotescas, retomavam, caminho a estancia, cortando o sereno da campanha embrulhada em sombras, envolta ainda na soturna melancholia da noite humida, atalhando caminhos, bandeando campos, sob o asobio navalhante dos minuanos.

Izidro, apenas, ficára, para tomar outro rumo, em direcção ao rancho, depois dumas «bombiadas» no sitio ermigio d'aquelle escampo nativo. Levantou-se lérdo dos pellegos destendidos á beira do fogo extinto. A claridade do dia continuava a romper, aos poucos, num collorido de rosa, ao longe. Quantos annos decorreram, quanto tempo havia que elle alli estivera, que alli morára?... A affirmativa vacillava no seu espirito nebuloso. Um pouso, um sitio, uma tapéra onde a sua alma errava numa pungitiva angustia de olvido... Mas,

alli fôra outr'ora a fazenda em que nascêra, em que se fizêra homem e donde, mais tarde, partira, aventurando a sorte... Ha quantos annos tudo aquillo se déra? Tão longe e ao mesmo tempo tão perto!... Um infinito aneio, uma evocação longiqua, ligava o passado ao presente. Começou então a caminhar por sobre aquelle montão esclaramado de cousas. As «chilenas» arrastavam subtitas. Fronteiro ás portas abertas, as reminiscencias saltavam mais vivas, como si tudo aquillo fossem paginas abertas dum grande livro... Era uma estancia morta no meio desolado do campo, sob a fronte veneravel das figueiras esgalhadas. Toda ella começava abalar-se profundamente. Ruinas e escombros!... Cortava-lhe o coração a lembrança da infancia distante, sepultada entre aquelles exícios... Um ultimo adeus, um ultimo soffrimento, derradeira hora de agonia, tinham aquellas quatro paredes, comidas de limô, cheias de silencio e mysterio, onde um genio bemfazejo pontilhava longas imagens de saudade!...

Izidro estaeava pensativo. E uma a uma desfilavam as ruinas da casa paterna, da estancia sob cujo abrigo se desenvolvera e fizêra-se homem. Como tudo estava mudadô!... Eram os primeiros recantos que se abatiam; fraqueavam depois os esteios de páo roliço, desenervados, vencidos na lucta duma velha existencia, apagando-se, perdendo-se, extinguindo-se. Uma destruição lenta vinha, lado a lado, vencendo, consumindo os recantos da morada sombria e erma, soerguida timidamente, no campo, na solidão vasia das estradas... E todo um espirito errante, na dispersão dos átomos, na subtileza das cousas, pungia torturado, na aneia extrema da seiva que se vae. Nem mais alegria, nem mais vida, nem mais nada, naquelles destroços esquecidos e tetricos como o piar dos quéro-quéros á hora nostalgica do crepusculo. Havia de tudo uma transmissão de dores e soffrimentos, para o coração commo-



vido do tropeiro. Diante do passado que surgia em farrapos, o presente era como uma densa sombra repercutindo o éco da existencia d'antanho. De tudo o que fôra a abastada fazenda gaúcha restavam, apenas, fragmentos informes de construções abaladas.

Cresciam hervas por dentro, multiplicava-se uma vegetação luxuriante, cheia do vigor fecundo de terras abandonadas pelo tempo e pelos homens... Velhos umbús solitarios, arvores da nostalgia e da dôr marcavam alli o ponto das pou-sadas amigas, refugio dos campeiros cansados pelo extenuar das safras. As cinzas mortas dos fogões se espalhavam por todos os cantos, sacudidas pela inelencia dos ventos, como dispersões elegiacas de punhados de terra que cobrissem um cadaver num adeus estremeado...

Uma saudade pungia em cada queda da habitação moribunda. Izidro deixou-se ficar, preso, demoradamente, no seio anonymo d'aquellas ruinas, fallando com ellas, vivendo pelo reatamento das lembranças, na mesma dôr, no mesmo abalo doloroso. Invocava as noites, as auroras tintas de sangue, as longas madrugadas hybernaes, as pou-sadas pacificas daquelles destroços infelizes, fallando da felicidade ou da desgraça dos que alli viveram e morreram... Reappareciam, resurgiam de longa distancia as eras mortas, as illusões passadas, as venturas perdidas, toda a belleza simples dum mundo desentranhado de tetricos esquecimentos: violas a gener, amores ao luar, venturas ao sol de maio, sombras indecisas de tropeiros tostados, velhos camaradas da infancia cruzando campinas, ao relincho das egoadas errantes e bravias, e tudo enfim que a memoria guarda, vinham agora do desmoronamento daquella fazenda solitaria, abandonada no praino soturno, á frente de largas coxilhas vestidas de verde, banhadas de luz, na eterna glorificação da existencia pampeana...



Humedeciam-se-lhe os olhos ante a resurreição do passado, ao contacto daquelle mundo de segredos sepultos fallando á sua memoria. O sol já ia alto quando elle accordou daquelle trasporte mysterioso. Já nada mais tinha que fazer ali. Encilhou o cavallo e tocou para diante, a caminho do rancho no fundo da estancia, onde o laço e rodeio esperavam os seus braços queimados pelo fogo dos mormaços de dezembro.

E ali fleou a velha tapéa, apagada visão de uma estancia derruida, surgindo como um oasis na coxilha sem termo, ponto pacifico das pousadas, sitio frondoso das séstas nas grandes estiradas para a fronteira...



CARRETEIRO

NASCESTE na vibrante alvorada de uma manhã de estio, e nunca mais adormeceste no repouso placido do raneho, onde deixaste mulher e filho, entregues á luta permanente do trabalho. Como o tropeiro, tu és também, o typo representativo de uma tradição secular.

Vive em ti, velho rebelde da civilização, o sopro heroico da raça, a legenda da luta, do amor, da bravura.

Antes das diligencias, muito antes das vias-ferreas, eras tu, sómente tu o indomavel palmilhador das coxilhas, o tenás triumphador dos terrenos hostis.

Com essa tua rude viatura de trabalho, enfrentaste o perigo imminente das refrégas, a cavallaria desenfreada dos entreveiros, na violencia dos choques revolucionarios entre patriotas aguerridos.

A carreta e os bois foram sempre os teus melhores amigos, os teus unicos e leaes companheiros de jornada.

Despresaste, com maior dos desdens, o conforto caricioso da casa. Tempo máo ou tempo bom, inverno ou verão, de dia ou de noite, tu partias, tu caminhavas, acompanhando sempre o andar vagaroso da carreta.



Todos te procuravam, todos te queriam, todos te veneravam. Não havia outra condução, outro transporte, outro meio mais commodo.

A' sombra de algum umbú ramalhudo, nas encostas das restingas com agua, junto ás pastagens verdes, tu, bondoso carreteiro, descangavas os bois e accendias o fogo bemfazejo para a panela de feijão com graxa e para agua do chimarrão.

Passado o descanso, seguias viagem novamente através do grande pampa silencioso, sofrendo as amarguras das intemperies, os perturbadores accidentes dos terrenos onde os «tatús» imprevisitos, reclamavam todo o vigor das tuas serenas energias inquebrantaveis.

E seguias jornada, de aguilhada á mão, curveteando caminhos, idealizando a victoria de outro dia de viagem, esmagando com o peso das cargas, com o gemido das rodas, a verde florescencia da campanha.

Appareciam os primeiros espasmos do dia. Lá adiante, o pouso. De novo desajouvavas os bois, repontando-os para os potreiros e invernações, envoltos na luz esmaecida do luar ou embrulhados na negridão da noite tempestuosa.

Então te estiravas cansado na maciez dos pelegos, sob a protecção da carreta inerte, até que as primeiras barras do dia te saeudiam, outra vez, para a marcha proceSSIONAL de outro rumo, em demanda á casa, numa viagem quasi sem fim—afan trabalhoso mas alegre, contra a rude conquista do terreno...

No maior de todos os sacrificios, a caminhar sempre como errante batedor do deserto, passaste quasi toda a tua existencia, diminuindo as distancias, encurtando caminho no passo tardo dos condemnados.

Enxotado pela pesada locomotiva moderna, desapareces hoje, antigo caminhante do pampa, e, comtigo, desaparece tambem, o rapsodo senti-

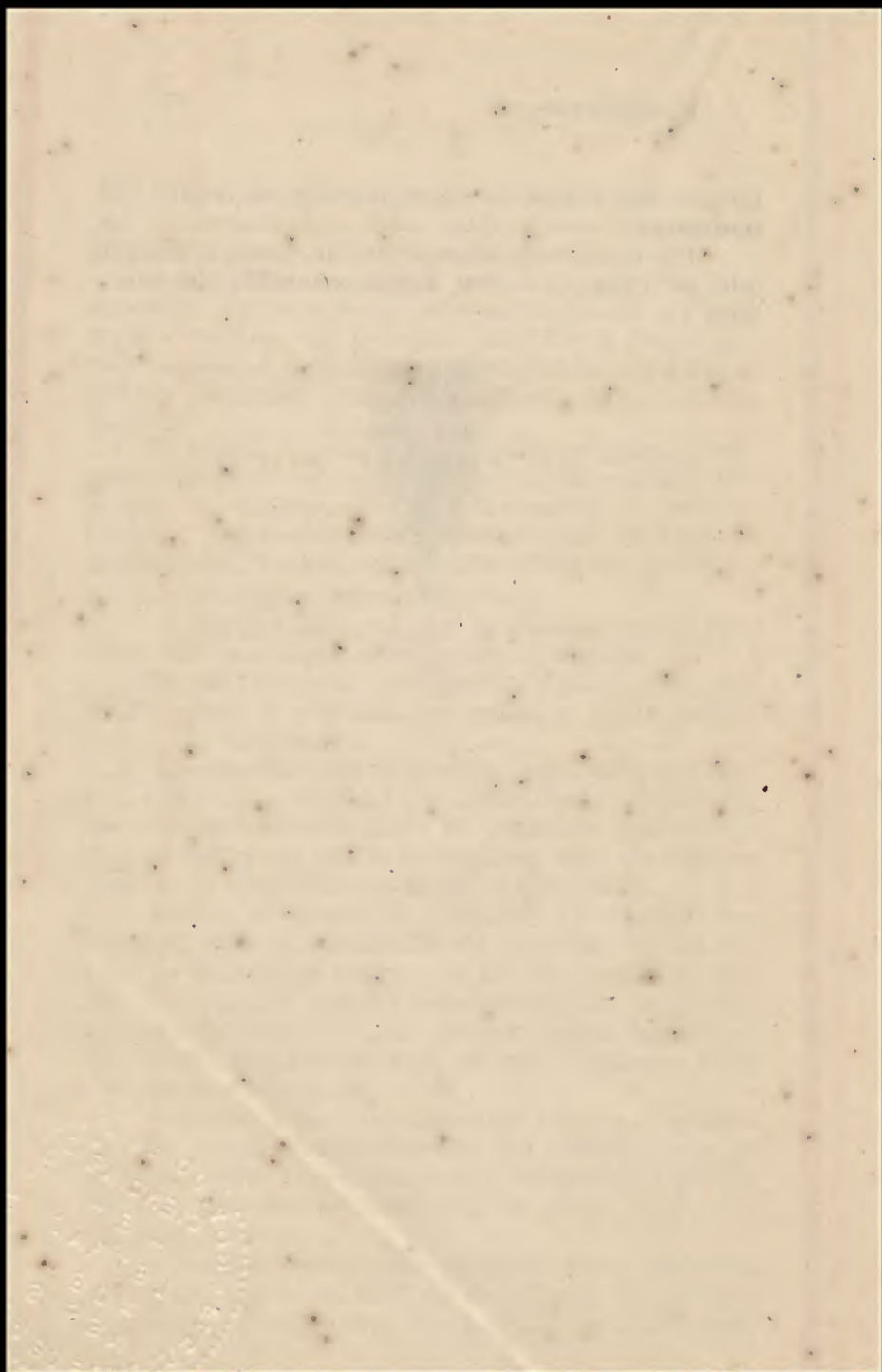


mental das horas de sesta, o alegre trovador das pousadas.

E's o ultimo perseguido de uma civilisação que se rasga no teu berço-esmeralda das coxilhas...



6849



Resto de outra raça

TIA Florinda encerra na sua existencia secular, uma pagina integrante da nossa propria historia.

Nascida n'algun recanto sem nome da Africa adusta e selvagem, para aqui veio, para os pagos, criança ainda, tocada pela veniaga, ao senhorio desconhecido. Preta como seus paes, como a gente da sua terra nativa, o sol do sul tisonou-lhe, ainda mais, a epiderme, e o trabalho da fazenda pastoril crestou, para sempre, a sua mocidade obscura.

Dentro da sua patria, a terra longinqua para onde iria acenava-lhe com grandezas desconhecidas, illudindo-lhe o espirito bronco. Começava então no seu cerebro infantil a germinar, através de continuas indecisões, um grande sonho luminoso, alguma cousa extranha á sua condição de infeliz. Nas pupilas dilatadas brilhou a chamma do Desconhecido, a perspectiva nevoenta de uma felicidade rasgando-se além, mares afóra, no seio virgem de terras moças, mergulhadas ainda numa geologia sem estudo. Mas só comprehendera a falsa trama do espirito, quando o seu primeiro passo na fazenda, naquella eterna estancia de pedra, fôra para o palanque, para as caricias mordentes



do maneador... A miragem enganadora se dissipou. Foi um sonho! O soffrimento sem nome quebrou-lhe para sempre o idealismo, para sempre lhe despertou a realidade cruel: era escrava como outros, como os jovens companheiros de desdita que juntos vieram, no porão do mesmo navio, para o sol nebuloso do captivoiro! Desde então a sua vida arrastou-se entre dôres e miserias naquella humilde contingencia servil. Setenta annos sem treguas — uma existencia centenaria de sacrificios — assistiu a todos os desvarios da sua época, sempre docil e timida, sem que uma só queixa fugisse de seus labios grossos, abertos num respeito contricto, para murmurar o *louvado, senhor*, beijando, apostolicamente, todos os dias, nas primeiras horas da manhã, as mãos possantes daquella sombra feudál de estancieiro, reprimida dentro da jaqueta e da bombacha gauchescas. O seu trabalho e o seu esforço tenaz, desde as primeiras barras do dia até ao cair das grandes noites do ermo, eram dum rendoso lucro para a estancia. Trabalhava como os bois de cargas ajoujados as carretas; e nas curtas horas de descanso, o alimento para o seu equilibrio physico vinha em rações, sob o olhar sempre duro do inclemente proprietario de negros. Nesse interim elle comprara novo lote de crioulos novos, esco lhidos para a ardua azafama do campo, emquanto a velha preta ficava em casa, nos galpões, nas mangueiras, curando terneiros ou extendendo carne nos varaes, se duplicando numa destreza sem par em todos os mistéres que reclamavam a sua força. A estancia, então, como todas as estancias, só prosperava pelo braço submisso do captivo. Conhecida a musculatura de aço da velha africana, a energia daquelle pulso sem repouso foi depois sinistramente aproveitada para uma empreza terrivel: amarrava os companheiros de sina, jungia-os nos palanques e, á primeira ordenação do senhor, vergava-os a relho trançado, até leval-os



ao banho frio da salmonra... Ai si não o fizesse!
A desobediencia era crime previsto pelo férro em
brazas das marcas...

**

Trabalhou muito; lieteo bastante; soffren
ainda mais. Não adoezia porque o escravo não
tinha esse direito, e, como o soldado, era superior
aos rigores do tempo e ao contágio das molestias.
Durante a sua vida de captiveiro, ella nunca re-
clamou um dia, somente, de repouso para o seu
corpo alquebrado. Resignava-se, vendo tambem os
outros que soffriam, occultando dores infindas
sobre os disfarces trahidores da saúde.

Assim passou toda uma existencia de tenaci-
dade, num permanente attrito com a sorte ingra-
ta, sempre na mesma contingencia, boa, docil, sub-
missa, até que um dia, num grande dia de gloria,
lle chegou aos ouvidos um novo cantico de liber-
dade, floreseido com a lei paranhos, proclamado
ás anras da patria, pelas gargantas de ouro de
Patrocínio e Nabuco, Estava forra depois de se-
tenta annos de martyrios... Um mundo completa-
mente estranho se abriu a seus pés. O seu es-
pirito desorganizou-se. Ganhára a liberdade sem
compreendel-a, sem nunca tel-a conhecido. Aterro-
rison-se com aquelle vocabulo de ouro, com aquel-
la sentença libertadora — e, como escrava que
era, sentiu-se mais escrava ainda, deixando-se fi-
car na posse do mesmo senhor rígido e barbaro,
entregue ao mesmo trabalho, apanhando as mesmas
vergastas por dias sem conta... Voluntariamente,
dentro da sua negra armadura, prolongou a sua
sina, assistindo pouco a pouco, no decorrer dos
annos, a lenta destruição da familia senhorial que
por tanto tempo servira com extrema dedicacão e
extrema bondade.

*



Ali, sob aquelle velho tecto em ruina, escalavrado, sem linhas, sem traves, a diluir-se, pouco a pouco no conflicto do tempo, numa tapera sem nome, a velha Florinda remata a sua existencia quasi secular, a desfazer-se em ruinas tambem... Sentada á frenteda antiga estancia d'antanho, conversa com os viandantes, com os batedores de coxilhas, contando, na sua meia lingua, longas historias do seu tempo de captiva, nostalgicas recordações de seus companheiros de sorte. São cousas sempre tristes onde vivem gritos desesperados de dôr, lances de tragedias e angustias, desenrolados á luz dos occasos sem termo. Ha um certo respeito em onvil-a naquellas digressões ao passado sepulto. Ella tem nesses momentos, a grandeza scenica do gesto, uma escala de nervosidades artisticas. Se alguem, inquire de sua vida de outr'ora, os olhos inundam-se de clarões ex'traanhos, de brilhos que aclaram nas névoas do cerebro, reminiscencias de soffrimento profundo.

— Oh! sinhô moço — exclama — era de vê; nosso sinhô não perdoava nêgo... Maneadô e couro crú batia todo santo dia de Deus! — E outras cousas ella diz na sna lingua barbara, obscurecida pela ignorancia e pelos annos. Muitas vezes, no meio de suas historias dolentes, as lagrimas saltam dos olhos pizados pelos tormentos da velhice.

Talvez saudade do passado, saudade do captiveiro, sandade do senhor que servin, sandade das cousas que não voltam mais!...



Superstições

(LENDA DO "FOGO-MORTO")

POR varias vezes, notei em continuas e estafantes viagens pelos recantos mais afastados do Rio Grande um facto que pela sua extranha singularidade me preocupara vivamente a attenção: carreteiros e «maioraes» de diligencia, tomados de um terror supersticioso evitavam, sempre, fazer o seu fogo no mesmo logar que tivesse signaes de um fogão anterior. De sorte que á beira dos capões e restingas, sitios apropriados e preferidos pelos viandantes da campanha para assestas e pousos, depois de longas marchas por estradas accidentadas, era commum encontrarem-se um sem numero de fogões extinctos, sem que um só, já-mais, fosse feito no logar que tivésse vestigio de outro.

Tomado de natural curiosidade inquiri, de uma feita, sobre o caso o peão que me conduzia caminho da Soledade, justamente na occasião em que elle iniciava o fogo para o chimarrão apetecido.

— Qual o motivo, amigo desse exquisito eserpulo?...

A' minha pergunta, o gaúcho encarou-me com escarninho sorriso.

— Ué gente!... Então o patrãozinho não sabe? Chama-se a historia do «fogo-morto», muito conhecida por este e outros pagos...

Acocorado depois na rélva, sob a ramagem de um salso, contou-me então, a lenda de que dou aqui em desfigurado resumo, um apanhado fiél, respeitando a tocante singeleza do seu entrecho e a rustica simplicidade do seu estylo.

E o gaúcho começou:

Pois foi uma vez, ha muito tempo, lá pr'as bandas da fronteira, em caminho de Alegrete para Quarahy. Um carreteiro rico, muito rico, que tinha de seu além de campo e dinheiro, mais de cem juntas de bois invernados, foi fazer uma viagem longe, muito longe do rincão da querencia. Depois de ter andado quasi o dia todo resolveu, á tardinha, já mesmo no momento em que o sol entrava, fazer pousó no costado de uma restinga, perto da estrada geral.

Tocou para lá a carreta e com auxilio do peñosinho que levava desajojou os bois, soltando-os para o campo. Em seguida mandou trazer lenha do matto para preparar o fogo afim de assar o ehurrasco e requeentar a panella de feijão com xarque. Ao lado, quasi junto da carreta, encontrou os vestigios do fogão de algum carreteiro que ali tambem pousára ou sesteára na vespera. Com isso se livrou o homem de trabalho mais longo. Approveitou a lenha e os gravetos que se couservavam ainda accezos, entre a cinza, e, no mesmo logar, em cima do outro fogo, iniciou o seu que logo vingou em grossas labaredas ao lado da carreta.

— Mas para que se metteu o carreteiro em aproveitar o alheio?...

A desgraça começou n'aquella hora!...

— As labaredas cresceram em linguas de fogo; as linguas de fogo começaram a lamber a carreta; a carreta ardia em chammass; as chammass sobíam cada vez mais devorando tudo. O peñosi-



nho e o carreteiro corriam que nem veado, para o arroio, trazendo agua e atirando no fogo. Mas este crescia mais violento ainda, sem que toda a agua do arroio dêsse para apagal-o. Só quando o arroio seccou foi que o fogo tambem se extinguiu, depois de ter reduzido sua presa a um grande monte de cinzas. O rico carreteiro sahiu como louco, campo fóra. A desgraça, porém, não parou nisso: desde esse dia malfadado, os bois começaram a pestear e a morrer; o dinheiro desapareceu da casa, roubado; a mulher sumiu-se sem que até hoje se saiba nóvas de seu paradeiro. E o homem que forâ rico, muito rico, morreu pobre, muito pobre, perseguido á hora da agonia por apavorantes visões transformadas em linguas de fogo, lambendo-lhe o corpo todo.

Dizem os antigos que desde esse dia então, todos os carreteiros que tiveram noticia do triste facto acontecido nunca mais fizeram fogo no lugar em que foi o fogão de outro...

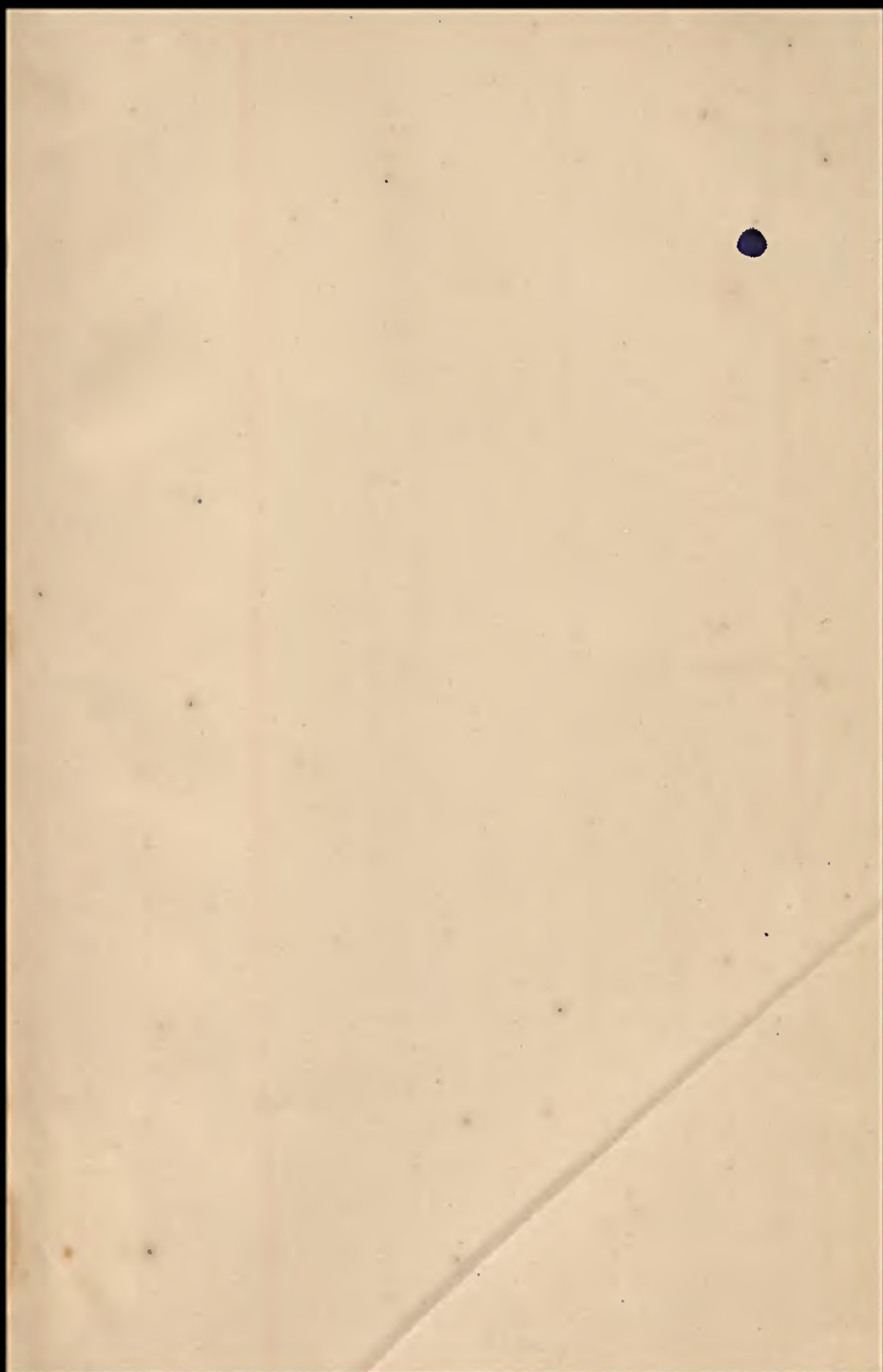


INDICE



	Pag.
Enxotado...	15
Heróe	21
Contrabandista.....	27
Carniça.	31
Alma de cêgo.....	35
Sêcca	41
Carneador	45
Civilisação.....	51
Divertidos	55
Memoria.....	65
A Victima	69
Na Estancia	75
Saudade	81
Carreteiro	85
Resto de outra raça..	89
Superstições (A lenda do «fogo morto»)	93





10/21
Linn. S. laurel
imp-294/61
#202









